

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA**



NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LIBRAS: LICENCIATURA

**PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO DE LETRAS – LIBRAS:
LICENCIATURA**

PORTO VELHO/RO

2014

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA** 

**NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – Licenciatura em Letras - LIBRAS**

**PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO DE LETRAS – LIBRAS:
LICENCIATURA**

Projeto elaborado com o objetivo de criação do Curso de Letras – LIBRAS apresentado ao Colegiado do Departamento de Línguas Vernáculas para aprovação e encaminhamentos ao NCH, CONSEA e lançamento no sistema E-MEC pela PROGRAD.

PORTO VELHO/RO**2014**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA**

Prof^a. Dr^a. Maria Berenice Alho da Costa Tourinho
Reitora

Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Victorino de França
Vice-Reitora

Prof^o Me. Adilson Siqueira de Andrade
Chefe de Gabinete

Prof^o Dr. Jorge Luiz Coimbra de Oliveira
Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Osmar Siena
Pró-Reitor de Planejamento

Ivanda Soares da Silva
Pró-Reitora de Administração

Prof^o Me. Rubens Vaz Cavalcante
Pró-Reitor de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis

Prof^o Dr. Ari Miguel Teixeira Ott
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof^a. Ma. Maria da Graça Martins
Assessora de Comunicação

Prof^a. Dr. Júlio César Barreto Rocha
Diretor do Núcleo de Ciências Humanas

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO PPC

Professores nomeados pela Pró-reitoria de Graduação por meio da portaria Nº 03/2014/PROGRAD publicada no boletim de serviço em 22 de janeiro de 2014.

Dr^a Marília de Lima Pimentel - Presidente

Dr. Élcio Aloisio Fragoso - Membro

Dr^a Maria do Socorro Dias Loura – Membro

Ma. Veronica Ribeiro da Silva Cordovil – Membro

Esp. Nágila da Silva Araújo Bandeira – Membro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	5
1.1. Contextualização da Universidade Federal de Rondônia	5
1.2. Contextualização da realidade econômica e social da região de abrangência do Campus.....	10
2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	12
2.1. Objetivos do Curso	12
2.2. Concepção do Curso	13
2.3. Justificativa	16
2.4. Legislação	17
2.5. Perfil do Egresso	19
2.6. Perfil do Curso	21
2.6.1. Contextualização e funcionamento do curso.....	21
2.7. Estrutura Curricular	23
2.8. Representação gráfica de um perfil de formação.....	74
2.9. Avaliação e metodologia de ensino.....	77
2.9.1. Avaliação institucional.....	77
2.9.2. Avaliação do processo de ensino aprendizagem.....	77
2.9.3. Critérios de Avaliação e requisitos para conclusão do curso.....	79
2.9.4. Adequação da metodologia de ensino à concepção do curso.....	80
3. Estrutura Administrativa E Acadêmica Do Curso.....	81
3.1. Gestão administrativa e acadêmica do curso.....	81
3.2. Recursos Humanos.....	83
3.2.1. Corpo docente do Departamento de Línguas Vernáculas.....	83
3.2.2. Corpo discente.....	86
3.2.3. Técnicos administrativos	86
3.2.4. Atendimento a outros cursos de graduação.....	87
3.2.5. Perfil dos recursos humanos	88
3.2.6. Capacitação	90
4. Infraestrutura	91
4.1. Estrutura física para o desenvolvimento do curso.....	91
4.2. Laboratórios e centro de pesquisa do curso.....	92
4.3. Biblioteca.....	95
4.3.1. Necessidade de aquisição de livros para o curso.....	96
4.4. Acessibilidade	97
5. BIBLIOGRAFIA, ANEXOS E APÊNDICES	98

APRESENTAÇÃO

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, propõe que se propicie aos futuros professores de LIBRAS uma visualização das grandes dimensões abertas ao profissional da linguagem. Tal visualização objetiva (i) encorajar a criação de equilíbrio e relevância entre as atividades teóricas e práticas – no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão; e (ii) abrir perspectivas de concentração na formação, conforme o interesse acadêmico-profissional dos/as alunos/as e do Curso.

O Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, é também uma proposição para atender às demandas impostas pela inclusão dos surdos na educação e a inclusão da língua brasileira de sinais nos cursos de Pedagogia, Licenciaturas e Fonoaudiologia, conforme a Lei No. 10.436/2002, que reconhece a LIBRAS como sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil; o Decreto Nº 5.626/2005 que regulamenta a referida Lei, que dentre outras determinações, dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino da LIBRAS nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior; e a Lei de Acessibilidade Nº 5.296/2004 que garante a acessibilidade, dentre outras, de acesso à educação das pessoas com deficiência. Dentre as principais disposições legais que norteiam as reflexões realizadas no âmbito da constituição deste Projeto Pedagógico, cita-se a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei Nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e os atos normativos dela originados.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Contextualização da Universidade Federal de Rondônia

A Universidade Federal de Rondônia (UNIR), a única instituição de ensino superior (IES) pública de Rondônia, foi criada pela Lei nº 7011, de 08 de julho de 1982, seis meses após o Estado de Rondônia ter sido criado pela Lei Complementar nº 47 de 22 de dezembro de 1981.

Em sua missão consta que a Unir é *“produzir e difundir conhecimento, considerando as peculiaridades amazônicas, visando o desenvolvimento da*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



sociedade". Seus objetivos se caracterizam por: "I - promover a produção intelectual institucionalizada, mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional; II - formar profissionais que atendam aos interesses da região amazônica; III - estimular e proporcionar os meios para criação e a divulgação científica, técnica, cultural e artística, respeitando a identidade regional e nacional; IV - estimular os estudos sobre a realidade brasileira e amazônica, em busca de soluções para os problemas relacionados com o desenvolvimento econômico e social da região; V - manter intercâmbio com universidades e instituições educacionais, científicas, técnicas e culturais nacionais ou internacionais, desde que não afetem sua autonomia, obedecidas as normas legais superiores".

A sede administrativa da IES está localizada na Av. Presidente Dutra, 2965 – Centro - CEP: 76801-974 - Porto Velho – RO – Fone: (69) 2182-2000.

Sua estrutura atual é composta de oito *Campi*, um deles instalado em Porto Velho e os outros sete nas seguintes cidades do interior do Estado: Ariquemes, Cacoal, Guajará-Mirim, Ji-Paraná, Presidente Médici, Rolim de Moura e Vilhena.

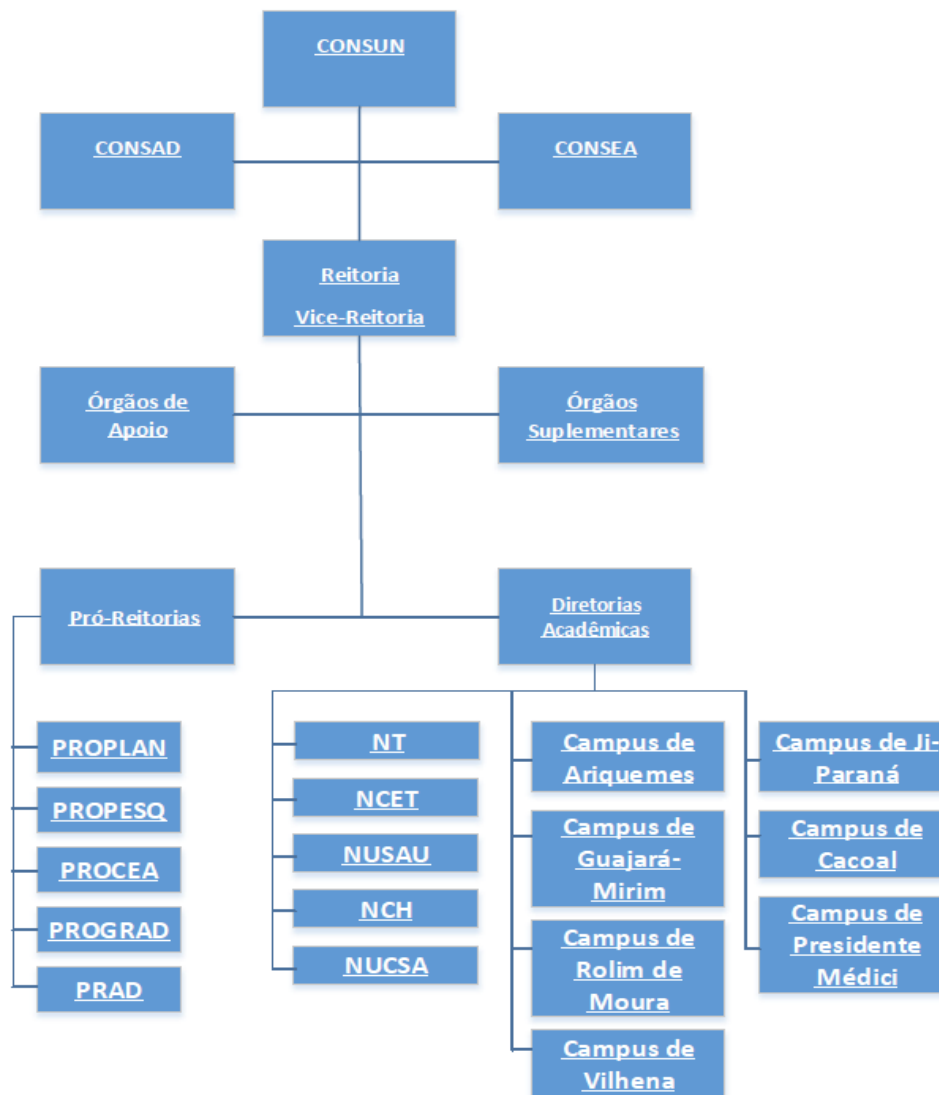
Na capital do Estado, o *campus* funciona às margens da BR 364, Km 9,5, Zona Rural, CEP: 76801-059 - telefone: 69-2182-2100.

A estrutura organizacional da UNIR foi alterada pela Resolução 014/CONSUN de 18/05/2012, a fim de compatibilizá-la com a realidade da Instituição e dispositivos Estatutários, a fim de garantir e atender o mínimo de governabilidade, observando a eficiência e eficácia do serviço público, até que se concluem os trabalhos da Comissão Especial aprovada pelo Ato Decisório nº 067/CONSUN, que trata da atualização do estatuto e do Regimento Geral da UNIR.

Assim, a instituição obedece ao seguinte organograma:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



A Universidade conta com 64 cursos de graduação na modalidade presencial e 4 cursos na modalidade a distância nas áreas de Administração, Agronomia, Arqueologia, Artes Visuais, Biblioteconomia, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Comunicação Social – Jornalismo, Direito, Educação Básica Intercultural, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Pesca, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Florestal, Educação Física, Enfermagem, Estatística, Filosofia, Física, Gestão Ambiental, Geografia, História, Informática, Letras – Espanhol, Letras – Inglês, Letras – Português, Medicina Veterinária, Matemática, Medicina, Música, Pedagogia, Psicologia, Segurança Pública e Teatro.

No Ensino de Pós-graduação, a IES possui 08 cursos de especialização *lato sensu*, 15 programas de mestrados institucionais (Administração, Administração Pública, Biologia Experimental, Ciências Ambientais, Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Educação, Educação Escolar, Ensino em Ciências da Saúde, Estudos Literários, Física, Geografia, História e Estudos Culturais, Letras, Matemática, Psicologia), 2 programas de Doutorado (Biologia Experimental e Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) e 04 os doutorados interinstitucionais: Educação Matemática (UNIR/UNESP – Rio Claro/SP); Engenharia Elétrica (UNIR/UFMS); Geografia (UNIR/UFPR) e Letras (UNIR/UNESP-São José do Rio Preto/SP). Quatro programas em rede: Administração Pública (PROFIAP), Matemática (PROFMAT), Física, Ensino de Ciências (REAMEC) e BIONORTE.

A UNIR, institucionalizando as políticas nacionais no apoio ao discente, implanta programas que visam possibilitar condições institucionais mínimas para a permanência do discente no período de sua formação acadêmica. Para tanto, busca cumprir com o conceito de referencial mínimo de qualidade estabelecido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

Dessa forma, as políticas de apoio ao estudante na UNIR são viabilizadas, pela Pró-Reitoria de Graduação e Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis que implementam programas que visam propiciar condições favoráveis à integração na vida universitária, bem como a permanência no ensino superior, são eles:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- **Monitoria Acadêmica** – Tem o objetivo de preparar o discente para a atividade docente, mesmo nos cursos com grau de bacharelado, e promover melhoria na qualidade de ensino de graduação, articulando teoria e prática, na produção do conhecimento, sobre a orientação de um docente responsável pela disciplina na qual o discente for monitor.
- **Programa de Educação Tutorial (PET)** - Apoio aos grupos de alunos que demonstre potencial, interesses e habilidades destacadas nos cursos de graduação, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
- **Programa de Mobilidade Acadêmica** – Fomento que visa propiciar aos estudantes de qualquer curso das IFES a possibilidade do vínculo temporário com outra instituição federal, cursando uma ou mais disciplinas importantes para a complementação de sua formação.
- **Programa de Inclusão** - Inclusão dos discentes com necessidades educacionais especiais advindas de deficiências físicas, visuais e auditivas, através de ações específicas.
- **Programa de Atenção à Saúde do Estudante** - Busca a integralidade no cuidado dos aspectos físico, mental, social e cultural, para o desenvolvimento de um ambiente saudável dentro do espaço universitário.
- **Bolsa Santander** – Programa de bolsas de graduação que promove o intercâmbio entre universidades do Brasil e Portugal, visando a mobilidade acadêmica, incentivo ao desenvolvimento da pesquisa científica, da inovação e empreendedorismo sustentável na região.
- **Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC)** - Iniciativa à participação em projetos de iniciação científica, promovendo a possibilidade do fornecimento de bolsas e incentivos.
- **Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID)** – Estímulo a projetos de iniciação à docência visando o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica.
- **Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX)** – Fomento que objetiva contribuir para a formação profissional e cidadã por meio da participação de docentes e discentes de graduação em programas e

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



projetos de extensão, para fortalecer a institucionalização da extensão universitária no âmbito dos Núcleos, Campi e Departamentos da UNIR.

- **Ciência sem Fronteiras** - Busca promover o intercâmbio dos alunos de graduação e pós-graduação, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, possibilitando estágio no exterior com a finalidade de manter contato com sistemas educacionais competitivos em relação à tecnologia e inovação.
- **Bolsa permanência e auxílios oferecidos pela PROCEA** – Podem receber auxílios alimentação, transporte, monitoria especial, assistência estudantil indígena, moradia, creche e a bolsa permanência, os discentes regularmente matriculados em qualquer etapa de curso de graduação presencial da Universidade Federal de Rondônia que possuam frequência regular no curso em que estejam matriculados, apresentem indicadores satisfatórios de desempenho acadêmico e que sejam aprovados em processo de seleção, que considerará critérios de vulnerabilidade social e econômica.

O Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, modalidade presencial, será vinculado, inicialmente ao Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia e o seu funcionamento está previsto para o segundo semestre letivo do ano de 2015.

1.2. Contextualização da realidade econômica e social da região de abrangência do Campus:

O município sede da Unir foi criado em 2 de outubro de 1914 pela Lei nº 757 e, pela Lei nº 1.011, de 7 de setembro de 1919, a vila de Porto Velho foi elevada a categoria de cidade. Pelo decreto-lei nº 5.839 de 21 de setembro de 1943, o Município de Porto Velho passou a Capital do Território e pela lei complementar nº 41, de 22-12-1981, foi confirmado como capital do Estado.

Porto Velho tem uma área territorial de 34.096,429 de Km² onde vivem, segundo, estimativas do IBGE para 2012, 442.701 pessoas, tornando-se o município mais populoso entre os municípios fronteiriços do Brasil e a capital que mais cresce economicamente nos País. Dados do IBGE de 2009 revelam que Porto Velho é a

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



cidade com o terceiro maior PIB da Região Norte (R\$ 20,2 bilhões/IBGE/2009), a mais populosa do Estado de Rondônia e a quarta mais populosa do Brasil. Informações obtidas junto à SEPLAN, Porto Velho apresenta um IDH/PNUD/2000 de 0,763%, Taxa de Mortalidade/IBGE/2009 de 4,99%, Taxa de Natalidade/IBGE/2009 de 19,98%, PIB per Capita/IBGE/SEPLAN/2009 de R\$ 17.260 (R\$ 1,00), PIB/IBGE/SEPLAN/2009 de R\$ 6.607.642 (R\$ 1.000), Índice de Idosos/IBGE 2010 de 13,29%, Razão de Dependência/IBGE/2010 de 45,99%, Razão de Sexo/IBGE/2010 de 103,1%, Taxa de Analfabetismo de 15 anos ou mais/IBGE/2010 de 5,1%.

Em termos educacionais, de acordo com essa mesma fonte, Porto Velho tem 3.231 alunos matriculados em Creche, 11.402 na Pré-escola, 81.323 no Ensino Fundamental, 15.364 no Ensino Médio, 1.281 na Educação Profissional, 20.421 no EJA e 1.510 na Educação Especial, perfazendo um total de 134.532 alunos matriculados. Segundo dados do MEC/INEP, o IDEB para a rede municipal de Porto Velho foi de 4,3 para 2011 e uma estimativa de 4,6 para 2013; para a rede estadual foi de 4,4 e 4,7, respectivamente.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a população de surdos e deficientes auditivos em Rondônia é de 66 mil pessoas, grande parte residente em Porto Velho. Para atender uma parcela desse público é que foi criada, na Capital, a primeira Escola Bilíngue da região Norte, que é também a quinta do país. A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos foi inaugurada no dia 12 de abril ano de 2013. O centro de ensino possui aulas do pré-escolar ao quinto ano do fundamental. Em outras escolas do estado de Rondônia existem salas bilíngues oferecidas no Ensino Fundamental e Médio.

O contexto social da população surda e de deficientes auditivos de Rondônia favorece a criação do curso. Atualmente, na rede pública, algumas escolas estudam a possibilidade de adicionar a LIBRAS no conteúdo escolar da educação básica. Na rede privada, em outros estados, já é possível encontrar algumas escolas que optam pelo ensino da LIBRAS no seu currículo escolar. A adição desse conteúdo já é autorizada e qualquer escola deve implementar, com a condição de que haja profissional que atenda às demandas existentes. Assim, a necessidade de profissionais capacitados será ainda maior. O campo de estudos e trabalho é vasto e

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



requer uma concentração científica, em nível de graduação e pós-graduação, que acompanhe os avanços e nuances postos em prática tanto no ensino da LIBRAS como primeira língua para criança surdas, como no ensino da LIBRAS como segunda língua para os interessados em adentrar na área.

Em reunião pública realizada no auditório da UNIR centro no dia 29 de março de 2014, com a comunidade surda de Porto Velho, houve uma discussão sobre a criação do curso de Letras - LIBRAS. Após vários questionamentos e intenso debate, os presentes se manifestaram favoráveis à criação curso de Letras-LIBRAS, afirmando a necessidade existente para a demanda em Porto Velho e dos demais municípios do estado, pontuando os seguintes desejos: da oferta noturna do curso; da forma de ingresso ser por vestibular ou por Enem em LIBRAS; da necessidade de laboratórios de línguas e de produção de mídias e a necessidade de expandir a oferta do curso em outros campi da UNIR no estado, na modalidade a distância. Assim, o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI contemplará a criação deste curso.

2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

2.1. Objetivos do Curso

Objetivo Geral: Como unidade destinada ao Ensino, Pesquisa e Extensão, o curso de Letras-LIBRAS, no grau de Licenciatura, em consonância com o Decreto nº 5.626/05 e com o capítulo IV da Lei n.º 9.394/96, objetiva, de modo geral, produzir e divulgar conhecimento específico da LIBRAS na relação com as áreas da língua, cultura e literatura, buscando disponibilizar os meios que possam contribuir para a capacitação do futuro professor integrado à sociedade através da formação de um profissional competente, crítico e criativo, tanto ouvintes como surdos.

Objetivos específicos:

- Formar diplomados na área do ensino da LIBRAS, como primeira e segunda língua, aptos para atuar interdisciplinarmente, como multiplicador de conhecimentos, em áreas afins, bem como para a inserção em setores profissionais bilíngues e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, em particular, da comunidade linguística usuária da LIBRAS;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- Aprimorar o conhecimento e o uso da língua objeto de estudos - LIBRAS, em termos de suas características culturais, estruturais e funcionais, mantendo-se atento às variedades linguísticas e culturais; Incentivar a pesquisa e promover a extensão, atendendo com maior pertinência a região de Porto Velho;
- Garantir que os profissionais formados saiam dotados de um embasamento teórico sólido a respeito das diferentes abordagens sobre língua, linguagem e literatura;
- Colaborar na formação contínua do profissional em formação, por meio de projetos de pesquisa e extensão na esfera da graduação e da pós-graduação, promovendo a participação social e visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição;
- Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da língua de sinais bem como de suas peculiaridades, articulando o sujeito com o meio em que vive;
- Proporcionar uma postura reflexiva que permita apontar problemas, sugestões e propostas metodológicas;
- Permitir a percepção da evolução da língua e promover a realização de análises, descrições e explicações, diacrônicas e sincrônicas, dos fenômenos linguísticos;
- Proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades que levem à formação de uma consciência crítica e comprometida com a construção da cidadania;
- Proporcionar aos alunos uma visão interdisciplinar do conhecimento, favorecendo uma visão mais ampla das ciências da natureza, humanas e sociais;

2.2. Concepção do Curso

O movimento histórico das pessoas com deficiência, no Brasil, tem sido marcado por constantes desafios que vêm resultando em conquistas significativas em prol da efetivação de direitos sociais. Segundo o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência. Desse total, 2.147.366 milhões apresentam

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



deficiência auditiva severa. Trata-se, portanto, de um contingente considerável que foi reconhecido por suas especificidades, sendo a comunicação a de maior relevância.

Após a Constituição de 1988, diversas iniciativas foram implementadas pelo Poder Público para promover a inclusão e o acesso à educação, ao trabalho, à saúde, ao lazer e, sobretudo, à informação e à comunicação. No que se refere à pessoa surda ou com deficiência auditiva, destaca-se a sanção da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências a ela relacionadas. Essa lei, conhecida como Lei de LIBRAS, foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05, que conferiu a ela maiores detalhes acerca das ações a serem desenvolvidas para o cumprimento das disposições constitucionais brasileiras. Esses documentos legais marcam um avanço no processo de educação de surdos e na promoção da Língua Brasileira de Sinais, afirmando mudanças no currículo educacional e nos sistemas de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, além de prever iniciativas que envolvem outros âmbitos da sociedade.

No Curso de Letras – LIBRAS da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, o contexto histórico/cultural da região está diretamente ligado ao processo educativo. Sendo a linguagem o elemento integrador de todas as áreas do conhecimento, o Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, percebe a formação do sujeito como um todo e, por isso, considera diferentes correntes teóricas e concepções diversificadas em sua matriz curricular, sem perder de vista os objetos próprios da linguística, da literatura e das disciplinas e práticas pedagógicas.

Rondônia, um estado cosmopolita, traz marcas da pluralidade cultural, fruto dos fluxos migratórios que existiram no seu processo de colonização e formação. A cultura aqui é multifacetada, podendo ser, metaforicamente, comparada a um diamante clivado que apresenta múltiplas faces. Todas elas são dignas de serem respeitadas e estudadas. O hibridismo cultural e, portanto, linguístico aqui vivenciado propicia o ensino e a pesquisa nas áreas de língua e literatura, ampliando o campo para a educação, a cultura, a história, a filosofia, a sociologia, a psicologia, dentre outras, estabelecendo-se, assim a transdisciplinaridade.

O conhecimento das culturas permite a consciência da discriminação e a capacidade de interagir com a diferença. Sendo a cultura local o ponto de partida

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



para a aquisição dos conhecimentos, entendemos que o melhor conceito de cultura é aquele que nos faz sabê-la como a “produção de fenômenos que contribuem [...] para a compreensão, reprodução ou transformação do [sistema](#) social”. (CANCLINI, 2006, p. 29).

Por isso, mesmo sendo estruturado em eixos compostos por disciplinas, a integração de docentes e discentes ao projeto pedagógico do curso e este à comunidade acadêmica e à sociedade faz com que haja um trânsito transdisciplinar de saberes, de tal forma que o Curso de Letras - LIBRAS possa ser um catalisador de manifestações culturais, permitindo ao discente que ele possa aprender a ler, sinalizar, ver e entender a intrínseca relação entre linguagem-cultura-sujeito-mundo.

Os princípios orientadores na construção do PPC de Letras/LIBRAS foram:

a) TRANSDISCIPLINARIDADE: relação entre as disciplinas e atividades desenvolvidas no Curso, possibilitada pela integração dos docentes e discentes ao projeto pedagógico do curso. O princípio da interdisciplinaridade permitiu um grande avanço na ideia de integração curricular, preservando os interesses próprios de cada disciplina, assim como o princípio da transversalidade e de transdisciplinaridade, buscando uma intercomunicação, um diálogo permanente com outros conhecimentos.

b) CRITICIDADE: convívio com diferentes olhares, elaboração de argumentos que rompam com o senso comum, apreensão da totalidade. Sabendo que a língua está em constante evolução e que é ideológica por natureza como explica Bakhtin (1988) ao dizer que toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica, evidencia-se a importância da interação verbal como realidade fundamental da língua.

c) DIALOGICIDADE: relação dialógica entre docente / discente, o respeito ao conhecimento do outro, sendo o docente o mediador desse processo;

A partir desses princípios, espera-se criar possibilidades para a produção de saberes por sujeitos capazes de pensar a si mesmos e o mundo, sujeitos capazes de modificar-se e modificar, capazes de constatar, comparar, avaliar, valorar, decidir, intervir.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

2.3. Justificativa

O curso de Letras - LIBRAS responde à necessidade de formação de professores/pesquisadores de Língua Brasileira de Sinais e suas respectivas literaturas, para atender à educação básica no que diz respeito a dois argumentos: ensino fundamental e ensino médio. Trata-se de assegurar, em ambiente amazônico, a formação de profissionais interculturalmente competentes e capazes de lidar criticamente com as diversas formas de linguagem, especialmente a não verbal (espaço visual), nos contextos sinais e escrita.

O Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, está sendo pensado, portanto, na perspectiva de que a graduação deve ser prioritariamente formativa e não simplesmente informativa. Isso significa que não é um curso que vise, exclusivamente, a desenvolver uma boa proficiência na língua, mas um curso que possibilite o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre os fatos linguísticos, através da análise, da descrição, da interpretação e da explicação, à luz de uma fundamentação teórica pertinente, tendo em vista, além da formação de usuário da língua e de leitor de mundo, a formação de profissionais aptos a ensinar essas habilidades.

As principais atividades econômicas do município de Porto Velho se concentram nos serviços, na indústria, no turismo, na agropecuária e no extrativismo vegetal e mineral. As atividades de serviços, sobretudo, dizem respeito aos egressos do curso de licenciatura em Letras - LIBRAS na medida em que, além de atender aos diversos segmentos educacionais do município, muitos desses profissionais podem trabalhar também em diversos órgãos burocráticos do município, do Estado e da Federação. Em razão do quadro socioeconômico e educacional apresentado acima, o potencial de demanda e de empregabilidade dos egressos do curso de Letras/LIBRAS é muito grande. Nesse contexto, o profissional da área de LIBRAS tem papel importantíssimo no mercado de trabalho do município do seu entorno e na construção de novas formas de desenvolvimento local, regional e nacional. Por tudo isso, sua atuação junto à população é imprescindível já que as línguas de sinais são a L1 da comunidade Surda e qualifica seus direitos à acessibilidade. Enfim, os profissionais de Letras em geral e os de Letras - LIBRAS, em particular, são de

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



suma importância para a formação dos cidadãos surdos e ouvintes e sua integração à sociedade brasileira.

2.4. Legislação

O Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, do Núcleo de Ciências Humanas da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, foi concebido pelo Colegiado do Curso de acordo com a seguinte legislação:

- Lei n.º 9.394/96 - A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional);
- Resolução CNE/CES n.º 18/2002; de 13 de março de 2002, do CNE que *Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Letras* e preconiza não haver qualquer possibilidade de constituição de “habilitações” no curso de Letras, tendo em vista que seu art. 2º refere-se tão somente a “perfil dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura” e às “competências gerais e habilidades específicas a serem desenvolvidas durante o período de formação”;
- Parecer CNE/CES n.º. 492/2001, de 9 de julho de 2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia;
- Parecer CES/CNE n.º. 1363/2001, de 12 de dezembro de 2001 - Retificação do Parecer CNE/CES 492/2001, que trata da aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia;
- *Parecer CNE/CP 9/2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.*
- *Parecer CNE/CP 27/2001, que dá nova redação ao item 3.6, alínea c, do Parecer CNE/CP 9/2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

- *Resolução CNE/CP 1/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.*
- *Resolução CNE/CP 2/2002, que institui a duração e a carga horária dos Cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.*
- *Resolução CNE/CP 2/2004, que adia o prazo previsto no art. 15 da Resolução CNE/CP 1/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.*
- Decreto nº 5.626, Artigo 3º e seus incisos, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000;
- Lei 10.861/2004 – Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências;
- Resolução N.º 242/CONSEPE/UNIR, de 24 de Setembro de 1997. Regulamento Específico do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC);
- Decreto 5773, item 3 do §1º - Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino - cadastro nacional dos docentes.
- Resolução 251/CONSEPE, de 27 de novembro de 1997 que regulamenta o sistema de avaliação discente na UNIR;
- Portaria nº 147 de 02 de fevereiro de 2007 reafirmado pelo Parecer CONAES 04/2010 e RESOLUÇÃO CONAES Nº 01/2010 - Núcleo Docente Estruturante (NDE);
- Resolução Nº 285/CONSEA, de 21 de setembro de 2012 – Dispõe sobre a criação do Núcleo Docente Estruturante (NDE) para todos os Cursos de Graduação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



2.5. Perfil do Egresso

O Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, deve oportunizar aos alunos egressos exercer a docência nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio, de acordo com o capítulo III, Art. 4º, do Decreto nº 5.626, pautada nas concepções atuais da educação e Estudos surdos, tendo uma visão abrangente da área da Linguística da LIBRAS, da Literatura Surda, de outras Línguas de Sinais e dos Estudos Culturais Surdos. Nessa perspectiva, compreende-se a complexidade dos fenômenos da linguagem humana ou mesmo da língua em questão, pressupondo que os novos profissionais devem ter uma percepção científico-ideológica, ter método de investigação e criatividade para desenvolver em seu trabalho:

a) Domínio das habilidades linguísticas de compreensão (escrita e sinalizada) e expressão (escrita e sinalizada) em situações de comunicação diversas;

b) Aptidão no que diz respeito à seleção e elaboração de materiais de ensino aprendizagem de LIBRAS como L1 e como L2, levando em conta a diversidade da demanda interessada;

c) Conhecimento acerca de metodologias de ensino-aprendizagem direcionadas para o ensino de LIBRAS como L1 e L2;

d) Capacidade de pautar-se nos valores da educação multicultural que possibilitem a comunicação internacional e o respeito entre as diferentes culturas;

e) Formação humanística, teórica e prática;

f) Capacidade para atuar em escolas e centros das redes pública ou privada conforme as exigências pedagógicas atuais;

g) Capacidade de operar, sem preconceitos, com a pluralidade de expressão linguística, literária e cultural;

h) Atitude investigativa indispensável ao processo contínuo de construção do conhecimento na área;

i) Postura ética, autonomia intelectual, responsabilidade social, espírito crítico e consciência do seu papel de formador;

j) Conhecimento dos diferentes usos da língua de sinais em estudo e sua gramática;

k) Conhecimento crítico de um repertório representativo de literatura da língua em estudo;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



l) Capacidade de analisar, descrever e explicar, a estrutura e o funcionamento da língua de sinais, discursivamente, a partir de pontos de vista teóricos fundamentados;

n) Capacidade de analisar criticamente as diferentes teorias que fundamentam a investigação sobre língua e literatura;

m) Capacidade de formar leitores e produtores proficientes de textos de diferentes gêneros e para diferentes propósitos;

o) Domínio da língua brasileira de sinais, em termos de estrutura, funcionamento e manifestações culturais;

q) Capacidade de atuar em equipe interdisciplinar e multiprofissional;

r) Posicionamento crítico acerca de novas tecnologias e conceitos científicos;

s) Conhecimento dos métodos e técnicas pedagógicas que possibilitem a adequação dos conteúdos para os diferentes níveis de ensino (transposição didática);

t) Conhecimento de processos de investigação que permitam o aprimoramento do planejamento e da prática pedagógica;

u) Capacidade de refletir teoricamente sobre a aquisição de linguagem.

Competências e Habilidades a Serem Desenvolvidas Durante a Formação

Uma vez cumpridos os objetivos definidos e tendo em vista o perfil idealizado, entende-se que o curso de graduação em Letras-LIBRAS deverá capacitar seu corpo discente para:

a. lidar com as diferentes manifestações linguísticas possíveis;

b. realizar pesquisas e investigações na sua área de conhecimento e campo de atuação;

c. resolver situações problemas de sua área de formação, bem como realizar a análise dos resultados alcançados;

d. realizar a leitura crítica das várias linguagens da cultura humana;

e. agir eticamente na relação com seus pares e na relação com profissionais de outras áreas;

f. desenvolver uma atuação marcada pela responsabilidade social e pelo comprometimento com o desenvolvimento da comunidade escolar e extraescolar, na região e no país;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



g. ampliar e lançar mão de conhecimentos sólidos acerca dos aspectos fonológicos, morfossintáticos, lexicais, semânticos, estilísticos e pragmáticos da Língua Portuguesa e da LIBRAS;

h. perceber e respeitar as diferentes noções de gramática e os vários níveis e registros de linguagem;

i. analisar, descrever e explicar, diacrônica e sincronicamente, a estrutura e funcionamento da Língua Portuguesa e da LIBRAS;

j. usar seu domínio ativo e crítico sobre as literaturas da Língua Portuguesa e da LIBRAS;

k. refletir a respeito das condições sobre as quais a escrita se torna literatura;

l. tornar-se produtor de textos de diferentes gêneros e registros linguísticos;

m. ter atitude investigativa que favoreça o processo contínuo de construção do conhecimento.

Neste contexto, o Curso de Letras-LIBRAS, grau licenciatura, da UNIR, seguindo as Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo MEC, busca formar um professor que tenha o domínio da língua, não só escrita, mas também de sinais, humanista, crítica e reflexiva, devidamente qualificado para o exercício da atuação docente, prezando pelo rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos e morais, habilitado a gerir organizações em um ambiente de mudanças cada vez mais ágil, consolidando a área didática, linguística, ensino, com postura de educador, adequando-se constantemente às necessidades e às demandas das organizações e teorias do mundo moderno.

2.6. Perfil do Curso

2.6.1. Contextualização e funcionamento do curso:

a) Nome do curso: Letras-LIBRAS

b) Grau: licenciatura

c) Endereço de funcionamento do curso: Campus José Ribeiro Filho, BR 364, KM 9,5. Porto Velho-RO

d) Número de vagas pretendidas ou autorizadas: 30

e) Turno de funcionamento do curso: Noturno

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



f) Carga horária total do curso: A carga horária total do curso é de **2.880 (duas mil oitocentas e oitenta)** horas, considerando-se estágios, TCC, AACC e disciplinas obrigatórias e eletivas.

g) Tempo mínimo para integralização: O Curso de Letras – LIBRAS terá a duração mínima de quatro (04) anos.

h) Integração entre ensino, pesquisa e extensão: As ações de extensão visam à melhoria da qualidade de vida da comunidade na qual a UNIR está inserida e, ao mesmo tempo, servem de exercício de cidadania para os membros de seu corpo docente e discente. Entende-se que a prestação de serviços à comunidade, através de atividades de extensão é fundamental a toda universidade. Dessa forma, é também objetivo do curso a democratização da ciência, da cultura e dos conhecimentos produzidos ou disseminados no/pelo ambiente acadêmico.

Nesse sentido, as atividades de extensão são desenvolvidas pelos membros do departamento de Línguas Vernáculas – Curso de Letras - LIBRAS através da realização de encontros, seminários, convênios, serviços de consultoria, atividades de formação continuada, cursos relacionados a conhecimentos produzidos em atividades dos grupos de pesquisa ou relativos aos saberes e competências do corpo docente ou de convidados, e eventos em geral.

i) Titulação conferida aos egressos: Licenciado em Letras – LIBRAS

j) Modos e períodos de ingresso e número de vagas por período de ingresso: o ingresso no Curso de Letras - LIBRAS acontecerá anualmente, via processo seletivo de discentes, tendo como base para a classificação e eliminação dos candidatos o resultado da prova do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, com 30 vagas oferecidas no período noturno. Pode ocorrer também quando houver vaga ociosa no curso, por óbito, desistência ou transferência, via Vestibulinho – processo simplificado de seleção. Há, ainda, a possibilidade de ingressar no curso de Letras - LIBRAS quando houver vaga remanescente do Vestibular; neste caso, para portadores de diploma, apenas. Há, ainda, a possibilidade de transferências ex-offício e acesso via mobilidade acadêmica Interinstitucional e Intrainstitucional ou outras formas autorizadas pelo Conselho Universitário, se houver, como políticas de ações afirmativas indígenas, afrodescendentes, etc.

k) Regime de oferta e de matrícula: o regime de oferta do curso é anual, devendo o aluno renovar sua matrícula a cada semestre.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



I) Calendário acadêmico: o Calendário Acadêmico é aprovado pelo CONSEA – Conselho Superior Acadêmico, anualmente e contempla 100 (cem) dias letivos em cada semestre, totalizando dois semestres. Cada semestre é composto de 15 (quinze) semanas, aproximadamente. Entre os semestres há o recesso acadêmico que, dependendo da situação, pode ser de trinta dias.

2.7. Estrutura Curricular

a) Distribuição da carga horária em componentes curriculares obrigatórios, componentes curriculares complementares de graduação:

COMPONENTES CURRICULARES OBRIGATÓRIOS

PRIMEIRO COMPONENTE - Núcleo Contextual

Disciplina	Período	CH
Metodologia da Pesquisa	1.º	60
TCC: Elaboração de Projeto	7.º	60
TCC: Produção e Defesa	8.º	60
Subtotal		180

SEGUNDO COMPONENTE - Núcleo Estrutural - Conteúdos Básicos

Disciplina	Período	CH
Língua Portuguesa	1.º	60
Teoria Linguística 1	1.º	80
Fonética e Fonologia	2.º	60
Teoria Linguística 2	2.º	60
Introdução aos Estudos Literários	2.º	80
Língua Brasileira de Sinais 1	3.º	80
Morfologia	3.º	60
Estudos da Tradução e Interpretação	3.º	80
Língua Brasileira de Sinais 2	4.º	80
Escrita de Sinais I	4.º	60
Sintaxe	4.º	60
Linguística Aplicada ao Ensino da LIBRAS	4.º	80
Língua Brasileira de Sinais 3	5.º	80
Literatura surda	5.º	60
Educação Bilíngue	5.º	40
Escrita de Sinais II	5.º	40
Semântica e Pragmática	6.º	60
Língua Brasileira de Sinais 4	6.º	80
História da educação de surdos	7.º	80
Língua Brasileira de Sinais 5	7.º	80
Educação de Surdos e Novas Tecnologias	8.º	60
Subtotal		1.420

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



TERCEIRO COMPONENTE - Núcleo Integrador – Práticas Pedagógicas

Disciplina	Período	CH
Psicologia Educacional	3º	60
Legislação e Gestão Educacional	3º	60
Didática e educação de surdos	4º	60
Metodologia de Língua Portuguesa como L2	2.º	80
Metodologia de Ensino da Língua Brasileira de Sinais	6º	60
Estágio Supervisionado: observação no Ensino Fundamental II	5º	100
Estágio Supervisionado: observação no Ensino Médio*	6º	100
Estágio Supervisionado: regência em L1 no Ensino Fundamental II	7º	100
Estágio Supervisionado: regência em L2 no Ensino Médio	8º	100
Total do terceiro componente		720

QUARTO COMPONENTE - Transdisciplinaridade Curricular - Complementação de formação

Disciplina	Período	CH
Filosofia	1º	60
Sociologia	1º	60
ELETIVAS	-	240
AACC	-	200
Total do terceiro componente		560

ELETIVAS			
Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
Aquisição da Língua de Sinais	02	40	--
Projetos de Aprendizagem	02	40	--
Educação Bilíngue e Escrita de L2 para Surdos	02	40	--
Aquisição de Segunda Língua	02	40	--
Sociolinguística	02	40	--
Morfossintaxe	02	40	--
Educação de Jovens e Adultos	02	40	--
História da Língua Portuguesa	02	40	--
História e cultura Afro-brasileira e Indígena	02	40	--
Letramento	02	40	--

TOTAL DA CARGA HORÁRIA
2.880

Os conteúdos programáticos do curso foram selecionados dentro de uma estrutura efetiva de inter-relação dos componentes que compõem o projeto pedagógico – o dos Conteúdos Básicos, o dos Conteúdos Específicos e o das Atividades Práticas – e da colocação das disciplinas na matriz curricular que

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



observaram uma sequência lógica para aquisição e/ou desenvolvimento dos conhecimentos a que se propõem.

Vale ressaltar que as Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC), Práticas Pedagógicas, Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) serão desenvolvidas de modo a propiciar a inter-relação dos conteúdos de todas as disciplinas (teóricas e práticas), e parte da carga horária será cumprida com atividades extraclasse.

Em síntese, vale ressaltar que a concepção da matriz curricular seguiu os seguintes princípios:

- Respeitar o projeto político-pedagógico, buscando atingir o perfil esperado de egresso;
- Para cada semestre, formular quais capacidades, quais atributos intelectuais, quais habilidades de solução de problemas devem ser desenvolvidas. Isto é, o curso não deve se restringir a propor vencimento de conteúdos, mas estabelecer uma sequência de etapas, em termos de desafios e exigências intelectuais e práticas.
- Ao final de cada semestre, o aluno deverá desenvolver certo conjunto de atributos intelectuais, os quais lhe permitirão lidar com matérias mais complexas posteriormente. Ou seja, é assumida a postura de que além de adquirir informações, o acadêmico deve apresentar condições de pensar sobre elas e relacionar com outras já adquiridas, percebendo a pertinência e aplicabilidade das mesmas.
- A sucessão de semestres deve contemplar, em etapas graduais, a constituição do perfil de egresso, sem limitar-lhe com o estabelecimento de pré-requisitos de matrícula e disponibilizando parte do currículo do curso para disciplinas eletivas.

Considera-se que a carga horária destinada a cada disciplina/atividade está coerente com os objetivos do curso e adequada para a formação do perfil profissional delineado e para as habilidades e competências inerentes ao futuro profissional.

A metodologia a ser adotada prevê aulas teóricas e práticas em tempo suficiente para que o aluno exercite a prática educativa. A carga horária foi dimensionada considerando-se aulas de, no máximo, sessenta (60) minutos, sendo quatro (04) aulas por turno e disciplinas com duas (02) a quatro (04) aulas semanais.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



b) Matriz Curricular Organizada em Forma de Tabela ou Quadro por Semestres.

As disciplinas foram distribuídas ao longo da matriz curricular tomando como referência os componentes: conteúdos básicos, atividades práticas e complementação de formação – sendo os dois primeiros pertencentes ao núcleo contextual, o segundo correspondente ao núcleo estrutural, o terceiro ao núcleo integrador e o quarto componente é o responsável pela transdisciplinaridade curricular.

As disciplinas eletivas serão escolhidas dentre as opções apresentadas pelo colegiado. Além das disciplinas eletivas já aprovadas para oferecimento, outras poderão ser oferecidas durante o curso, desde que devidamente aprovadas pelo colegiado do curso e que contenham: objetivos, ementa, bibliografia básica (no mínimo 3), bibliografia complementar (no mínimo 5) e indicação de periódicos. Os alunos poderão, também, buscar junto aos demais cursos da instituição alguma disciplina que lhe agrade, desde que esta apresente a carga horária mínima exigida. A matrícula em disciplinas de outros cursos estará condicionada a disponibilidade de vaga e aceitação do aluno pelo departamento que oferta a disciplina escolhida. Pretende-se com isso, ampliar a formação acadêmica, permitindo o diálogo interdisciplinar com as mais diferentes áreas de formação e preparando profissionais com competências e habilidades variadas, conforme exigências sociais atuais.

1.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Filosofia	03	60	-
	Sociologia	03	60	-
	Língua Portuguesa	03	60	-
	Teoria Linguística 1	04	60	20
	Metodologia da Pesquisa	03	40	20
	Subtotal		280	40
	TOTAL	16	320	

2.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Fonética e Fonologia	03	40	20
	Metodologia de Língua Portuguesa como L2	04	60	20
	Introdução aos Estudos Literários	04	60	20
	Teoria Linguística 2	03	40	20
	ELETIVA 1	02	40	-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



	Subtotal	16	240	80
	TOTAL	16	320	

3.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Língua Brasileira de Sinais 1	04	60	20
	Morfologia	03	40	20
	Estudos da Tradução e Interpretação	04	80	-
	Psicologia Educacional	03	60	
	Legislação e Gestão Educacional	03	40	20
	ELETIVA 2	02	40	-
	Subtotal	19	320	60
	TOTAL	19	380	

4.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Língua Brasileira de Sinais 2	04	60	20
	Linguística Aplicada ao Ensino da LIBRAS	04	60	20
	Escrita de Sinais I	03	40	20
	Didática e educação de surdos	03	40	20
	ELETIVA 3	02	40	-
	Sintaxe	03	40	20
	Subtotal	19	280	100
	TOTAL	19	380	

5.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Escrita de Sinais II	02	40	--
	Língua Brasileira de Sinais 3	04	60	20
	Literatura surda	03	40	20
	Educação Bilíngue	02	40	-
	Estágio Supervisionado: observação no Ensino Fundamental II	05	-	100
	Subtotal	16	180	140
	TOTAL	16	320	

6.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Língua Brasileira de Sinais 4	04	60	20
	Metodologia de Ensino da Língua Brasileira de Sinais	03	40	20
	Semântica e Pragmática	03	40	20
	ELETIVA 4	02	40	-
	Estágio Supervisionado: observação no Ensino Médio*	05	-	100

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



	Subtotal	17	180	160
	TOTAL	17	340	

7.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	História da educação de surdos	04	60	20
	ELETIVA 5	02	40	-
	TCC: Elaboração de Projeto	03	40	20
	Estágio Supervisionado: regência em L1 no Ensino Fundamental II	05	-	100
	Língua Brasileira de Sinais 5	04	60	20
	Subtotal	18	200	160
	TOTAL	18	360	

8.º Período			Carga Horária	
Cód.	Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
	Educação de Surdos e Novas Tecnologias	03	40	20
	TCC: produção e defesa	03	-	60
	ELETIVA 6	02	40	
	Estágio Supervisionado: regência no Ensino Médio	05	-	100
	Subtotal	13	80	180
	Total	13	260	

TOTAL DE CARGA HORÁRIA TEÓRICA (sem as eletivas)	1520
TOTAL DE CARGA HORÁRIA PRÁTICA (sem os estágios)	520
TOTAL CARGA HORÁRIA ELETIVAS	240
TOTAL DE CARGA HORÁRIA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES	400
TOTAL DE CARGA HORÁRIA AACC	200
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	2880
TOTAL GERAL DE CRÉDITOS	134

ELETIVAS			
Disciplinas	Créditos	Teórica	Prática
Aquisição da Língua de Sinais	02	40	--
Projetos de Aprendizagem	02	40	--
Educação Bilíngue e Escrita de L2 para Surdos	02	40	--
Aquisição de Segunda Língua	02	40	--
Sociolinguística	02	40	--
Morfossintaxe	02	40	--
Educação de Jovens e Adultos	02	40	--
História da Língua Portuguesa	02	40	--
História e cultura Afro-brasileira e Indígena	02	40	--
Letramento	02	40	--

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



c) Relações Étnico-Raciais - Parecer CNE/CP Nº 3, de 10 de Março de 2004, Resolução CE/CP Nº 1, de 17 de Junho de 2004.

A abordagem, no currículo do curso de Letras - LIBRAS, referente à temática das Relações Étnico-Raciais está em conformidade com a Lei nº 11.645/2008 que altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA". Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004, e na Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de Junho de 2004.

d) Educação Ambiental – A Educação Ambiental será feita na matriz curricular de conformidade com o que consta no Art. 9º em seu inciso 1º da Lei 9795: “A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”. Abaixo o Art. 11 da lei que trata da **Política Nacional de Educação Ambiental**.

Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.
Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.
(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm)

A inserção da temática ocorre transversalmente e pode ser percebida nos objetivos e ementas das disciplinas que abordam o tema como um conjunto de práticas indispensáveis no exercício da cidadania e que envolvem o aluno com as problemáticas sociais, fazendo-o interagir no ambiente em que vive.

e) Ações ou Convênios que Promovem a Integralização com as Redes Públicas da Educação Básica.

A Integralização com as redes públicas da Educação Básica será realizada anualmente através das Semanas de Letras/LIBRAS, do Seminário Repensando a Prática de Ensino dos Cursos Letras/LIBRAS, de vários cursos de Extensão

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



oferecidos pelos estagiários, projetos de extensão dos docentes do curso oferecidos à comunidade em geral.

A Fundação Universidade Federal de Rondônia estabeleceu integração com a Secretaria de Estado da Educação - SEDUC, através do Convênio nº 06/2013/UNIR, visando proporcionar aos acadêmicos regularmente matriculados nos cursos de Graduação, a realização de estágio curricular obrigatório não remunerado, no âmbito das escolas da Rede de Estadual de Ensino do Estado de Rondônia, para complementação de sua formação humana e profissional do acadêmico sob a supervisão de professor da escola e orientação de professores da Universidade, cuja carga horária é requisito de aprovação e obtenção de diploma, atendendo também ao disposto na Lei nº 11.788, de 2008.

No decorrer do curso outros convênios serão viabilizados com as Prefeituras dos Municípios e demais entidades.

f) Ementário

LÍNGUA PORTUGUESA	60 h/a
Objetivo: Ampliar o aprendizado de diversos gêneros textuais, a partir da prática da leitura e da produção de textos.	
Ementa: Linguagens e Língua. Gêneros Textuais. Elementos da Textualidade.	
Bibliografia Básica	
1. ANTUNES, Irandé. <i>Lutar com as palavras: coesão e coerência</i> . São Paulo: Parábola, 2005.	
2. KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. <i>Ler e compreender os sentidos do texto</i> . São Paulo: Contexto, 2006.	
3. MARCUSCHI, Luiz Antônio. <i>Produção Textual, análise de gêneros e compreensão</i> . São Paulo: Parábola Editorial, 2008.	
Bibliografia Complementar	
1. BAZERMAN, C.; DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.) <i>Gêneros textuais, tipificação e interação</i> ; trad. e adapt. Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.	
2. FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristovão. <i>Prática para estudantes Universitários</i> . 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.	
3. ABREU, Antônio Suárez. <i>Curso de Redação</i> . São Paulo: Ática, 1999.	
4. BRANDÃO, Sérgio Vieira. <i>Laboratório do jovem escritor: dissertação e redação oficial: para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e pré-vestibulares</i> . São Paulo: Paulinas, 2008.	
5. CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. <i>Ler e escrever, muito prazer!</i> São Paulo: Ática, 1998.	
Periódicos:	
Leitura: Teoria & Prática. ISSN: 0102-387X	
Revista Leitura Crítica. ISSN: ISSN 2179-2410	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



METODOLOGIA DA PESQUISA	60 h/a
<p>Objetivo: Propiciar condições elementares para a pesquisa acadêmica, reflexão acerca dos métodos e tipos de pesquisa, e estrutura metodológica no que tange a parte formal e constituição do pensamento científico nos trabalhos acadêmicos.</p>	
<p>Ementa: Filosofia da ciência: produção de conhecimento; apresentação e organização do texto científico. Métodos e técnicas de pesquisa. Técnicas e procedimentos de leitura. Iniciação no processo do pensamento científico em educação. Fichamento. Resumo e resenha. Artigo científico.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. BASTOS, C L. Aprendendo a aprender: Introdução à Metodologia Científica. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 2. LAKATOS, E M; MARCONI, M A. Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 3. MEDEIROS, J B. Redação científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 	
<p>Bibliografia Complementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ECO, U. Como se faz uma Tese. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. 2. GONÇALVES, E P. Conversa sobre Iniciação à Pesquisa Científica. 4. ed. Campinas: Alínea, 2005. 3. INÁCIO FILHO, Geraldo. A monografia na universidade. São Paulo: Papyrus, 1995. 4. SILVA, Maria Ozanira da Silva e. Refletindo a pesquisa participante. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 5. Rey, Luís. Planejar e redigir trabalhos científicos. 2. ed. São Paulo: Edgar Blucher, 1993. 	
<p>Periódicos:</p> <p>Revista Línguas & Letras — e-ISSN: 1981-4755 — ISSN: 1517-7238. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação - ISSN: 1981-9943 Revista Todas as Letras - ISSN: 1980-6414</p>	
TEORIA LINGÜÍSTICA I	80 h/a
<p>Objetivo: iniciar o estudante de Letras nos conhecimentos sobre a linguagem. Propiciar ao aluno apreender os conceitos básicos da ciência da linguagem, demonstrando que o papel dos linguistas, de acordo com a abordagem desta ciência, é se dedicar ao estudo da língua, explicitando os fenômenos linguísticos.</p>	
<p>Ementa: Os precursores da Linguística: a contribuição dos Hindus; as gramáticas gerais; as gramáticas comparadas (Linguística Histórica). A linguística como ciência: a contribuição de Saussure: definições de língua, linguagem e fala; signo, significante e significado; arbitrariedade e convenção; relações associativas e opositivas (sintagma e paradigma); valor linguístico; estrutura e sistema.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. FARACO, C. A. <i>Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas</i>. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 2. MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. <i>Introdução a Linguística: domínios e fronteiras</i>. São Paulo: Editora Cortez, 2003. 3. MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs). <i>Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos</i>. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004. 	
<p>Bibliografia Complementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. SAUSSURE, Ferdinand de. <i>Curso de linguística geral</i>. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

2. TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
3. BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas/SP: Pontes, 1995.
4. PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. Tradução de Maria do Rosário Gregolin ...[et al.]. *As Grandes Teorias da Linguística – da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Clara Luz, 2006.
5. WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Periódicos:

1. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP). ISSN: 0102-5767. *Qualis A2*
2. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso). ISSN: 0102-4450. *Qualis A2*.

Metodologia de Língua Portuguesa como L2	80 h/a
Objetivo: propiciar a prática de leitura e produção de textos em português como L2.	
EMENTA: Prática de leitura e produção de textos em português como L2, com ênfase nos aspectos de organização linguística. Desenvolvimento de estruturas básicas da língua portuguesa e uso do português em situações formais e informais.	
Bibliografia Básica	
1. CUNHA, C; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.	
2. FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.	
3. KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.	
Bibliografia Complementar	
1. CITELLI, A. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática, 1991.	
2. DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.	
3. MARCUSCHI, L. A. "Gêneros textuais: definição e funcionalidade". In: DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.	
4. QUADROS, R. M. de.; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf >. Acesso em: 22 nov. 2008.	
5. PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. Tipos de textos, modos de leitura. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.	

PSICOLOGIA EDUCACIONAL	60 h/a
Objetivo: interagir com os alunos, demonstrando quais são os objetos da psicologia da educação. Apresentar as abordagens da aprendizagem e do desenvolvimento. Reforçar as relações interpessoais na escola e os processos cognitivos.	
Ementa: Objetos da psicologia da educação. Abordagens da aprendizagem e do desenvolvimento: sociointeracionismo, psicologia genética, psicologia comportamental, psicanálise. Relações interpessoais na escola: relações professor-aluno, preconceito, inclusão. Processos cognitivos de leitura e escrita. O sistema de escrita no desenvolvimento da criança.	
Bibliografia Básica	
1. MACHADO, A. M., SOUZA, M. P. R. (orgs.) <i>Psicologia Escolar: em busca de novos rumos</i> . 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.	
2. MACHADO, A. M., FERNANDES, A., ROCHA, M. <i>Novos Possíveis no encontro da Psicologia com a Educação</i> . São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



3. BORUCHOVITCH, E., & BZUNECK, J. A. (Orgs.) *Aprendizagem: processos psicológicos e o contexto social na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Bibliografia Complementar

1. DAVIS, Cláudia e OLIVEIRA, Zilma de M. R. *Psicologia: ensino e aprendizagem*. 1.ed. São Paulo. Cortez, 2003.
2. PATTO, M.H.S. *Introdução à Psicologia Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998
3. AZZI, R. G. & SADALLA, A. M. F. (orgs.). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FONÉTICA E FONOLOGIA	60 h/a
<p>Objetivo: introduzir estudante de Letras nos fundamentos epistemológicos da linguagem humana, os mecanismos fonoarticulatórios envolvidos na produção da fala bem como as idiosincrasias dos sistemas fonético-fonológicos do português brasileiro; dar condições para que compreenda a necessidade do estudo sistemático e científico da linguagem humana para uma melhor intercomunicação social, uma melhor assimilação de todas as culturas das quais a língua é expressão maior, bem como qualificar sua atuação como profissional da Educação.</p>	
<p>Ementa: A Fonética articulatória: fundamentos, aparelho fonador, segmentos consonantais e vocálicos, o sistema consonantal e vocálico do português brasileiro, ditongos, sílaba, tonicidade; A Fonêmica articulatória: premissas, fonemas e alofones, processos de análise, a estrutura silábica, o sistema vocálico oral, acento. O trabalho de campo em pesquisa linguística.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. MALBERG, B. <i>A fonética</i>. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. 2. CÂMARA Jr., J. M. <i>Para o estudo da fonêmica portuguesa</i>. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. 3. VEGINNI, V. <i>Linguística aplicada à estrutura da língua materna: Fonética & Fonologia</i>. Porto Velho/RO: Unir/Parfor, 2010. 	
<p>Bibliografia Complementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ALBANO, E. C. <i>O gesto e suas bordas</i>. Esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado de Letras, 2001. 2. CAGLIARI, L. C. <i>Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 3. CAGLIARI, L. C. <i>Elementos de fonética do português brasileiro</i>. São Paulo: Paulistana, 2010. 4. FERREIRA NETTO, W. <i>Introdução à fonologia da Língua Portuguesa</i>. São Paulo: Hedra, 2001. 5. SILVA, T. C. <i>Fonética e Fonologia do Português</i>. 9.ed. São Paulo, ed. Contexto, 2009. 	

Introdução aos Estudos Literários	80 h/a
<p>Objetivo: proporcionar reflexão sobre os fundamentos da teoria da literatura.</p>	
<p>EMENTA: Reflexão sobre fundamentos da teoria da literatura, natureza e função de seu objeto e conceituação dos gêneros literários, desde a Antiguidade aos estudos contemporâneos, com base na análise de textos teórico-críticos.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. <i>A poética clássica</i>. Tradução de Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 2. CANDIDO, Antonio. <i>O direito à literatura</i>. In: CANDIDO, A. <i>Vários escritos</i>. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263. 	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



3. GONÇALVES, M. T.; BELLODI, Z. C. Teoria da literatura "revisitada". Petrópolis: Vozes, 2005.

Bibliografia Complementar

1. BOSI, Alfredo (Org.). Leitura de poesia. São Paulo: Ática, 1996.
2. COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
3. COSTA, Lígia M. da; REMÉDIOS, Maria L. R. A tragédia: estrutura e história. São Paulo: Ática, 1988.
4. CULLER, J. Introdução à Teoria Literária. São Paulo: Beca Edições, 1999.
5. JOBIM, J. L. (Org.). Introdução aos termos literários. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

Língua Brasileira de Sinais 1

80 h/a

Objetivo: iniciar o estudante de Letras/LIBRAS nos estudos das línguas de sinais e no campo dos estudos linguísticos.

EMENTA: os estudos das línguas de sinais no campo dos estudos linguísticos. Os processos cognitivos e linguísticos e suas relações com o cérebro e a língua de sinais. Introdução a tópicos de linguística aplicados à língua de sinais: fonologia e morfologia.

Bibliografia Básica

1. MOURA, M. C.; LODI, A. C.; PEREIRA, M. C. (Eds). Língua de sinais e educação do surdo. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp). São Paulo, 1993.
2. QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
3. QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.

Bibliografia Complementar

1. HICKOK, G.; BELLUGI, U.; KLIMA, E. How does the human brain process language? New studies of deaf signers hint at an answer. Scientific American, INC, 2002.
2. KLIMA, E.; BELLUGI, U. The signs of language. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
3. QUADROS, R. M. de; VASCONCELLOS, M. L. B. de (Org.). Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. Forty five papers and three posters from the 9º Theoretical Issues In Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brasil, Dez. 2006. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/e-books/pesquisas-em-estudos-surdos/item/109-signlanguages>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
4. STOKOE, W. Sign and Culture: a reader for students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960

MORFOLOGIA

60 h/a

Objetivo: Compreender a morfologia como parte integrante da língua e conhecer seus elementos constitutivos. Identificar cada um dos elementos que fazem parte da estrutura das palavras; Analisar cada um dos processos de formação da palavra na língua portuguesa; Caracterizar as classes e as categorias de palavras. Descrever os aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos da palavra.

Ementa: Tópicos de teoria lexical. Plano paradigmático e sintagmático da palavra. Estrutura da palavra. Processos de formação da palavra. Classes e categorias de palavras. Aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos da palavra.

Bibliografia Básica

1. ASSIS ROCHA, Luiz Carlos de. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

2. BASÍLIO, Margarida. <i>Teoria Lexical</i> . 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.
3. ROSA, M. C. <i>Introdução à morfologia</i> . São Paulo: Contexto, 2000.
Bibliografia Complementar
1. CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. <i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i> (de acordo com a nova ortografia). 5. ed. Editora Lexikon Editorial, 2009.
2. ILARI, Rodolfo. <i>Introdução ao Léxico: Brincando com as palavras</i> . São Paulo: Contexto, 2002.
3. ALVES, Ieda Maria. <i>Neologismo: Criação Lexical</i> . São Paulo: Ática, 1990.
4. AZEREDO, José Carlos de. <i>Gramática Houaiss da língua portuguesa</i> . 3. Ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
5. _____. <i>Ensino de Português: Fundamentos, Percursos, Objetos</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
6. _____. <i>Fundamentos de Gramática do Português</i> . 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
7. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. <i>Estrutura da Língua Portuguesa</i> . Petrópolis: Vozes, 1970.
8. CARVALHO, Nelly. <i>O Que é Neologismo?</i> São Paulo: Brasiliense, 1984.
9. PERINI, Mário. <i>Gramática Descritiva do Português</i> . São Paulo: Ática, 1995.

Estudos da Tradução e Interpretação	80 h/a
Objetivo: Compreender os estudos da atividade tradutória em diferentes países e tempos históricos.	
Ementa: Mapeamento dos Estudos da Tradução. Estudo da atividade tradutória em diferentes países e tempos históricos. Concepção de tradução, papel e prática do tradutor. Conceitos, tipologias e conscientização dos problemas teóricos e práticos da tradução.	
Bibliografia Básica	
1. AUBERT, F. H. As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1993.	
2. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.	
3. PEREIRA, M. C. P.; RUSSO, A. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos. São Paulo: Cultura Surda, 2008. v. 1.	
Bibliografia Complementar	
1. LACERDA, C. B. F. de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de aula de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F. de; GÓES, M. C. R. de (Org.). Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise, 2000. p. 51-84.	
2. PAZ, Otávio. Tradução: literatura e literalidade. Edição bilíngue. Cadernos Viva Voz. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte, Fale-UFMG (Setor e publicações), 2009. Disponível em: < http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/traducao2ed-site.pdf >. Acesso em: 27 jan. 2014.	
3. ROSA, Andréa da Silva. Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete. Campinas: [206], 2005.	
4. SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. M. Von Muhlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue, alemão-português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. v. 1.	
5. SOUZA, V. C. de; VIEIRA, R. Uma proposta para tradução automática entre	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

LIBRAS e Português no Sign WebMessage. Disponível em: <http://www.exatec.unisinos.br/~vinicius/TIL2006_revised.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2008.

Língua Brasileira de Sinais 2	80 h/a
Objetivo: Compreender os aspectos relacionados ao estudo da sintaxe das línguas de sinais.	
Ementa: Análise dos aspectos relacionados ao estudo da sintaxe das línguas de sinais, bem como o uso das expressões faciais gramaticais e afetivas. A estrutura da frase na língua de sinais e as construções com aspecto, tópico, foco, negativas, interrogativas, afirmativas, com argumentos pronunciados e nulos.	
Bibliografia Básica	
1. FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989.	
2. FERREIRA BRITO, Lucinda. Por uma gramática línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.	
3. QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.	
Bibliografia Complementar	
1. ARROTÉIA, Jéssica. O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB). 2005. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.	
2. LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; NAVES, Rozana Reigota. Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.	
3. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1.	
4. QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2009. Disponível em: < http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/e-books/pesquisas-em-estudos-surdos/item/107-estudos-surdos-4 >. Acesso em: 24 jan. 2014.	

Linguística Aplicada ao ensino de LIBRAS	80 h/a
Objetivo: Compreender as relações processuais entre linguagem, globalização, cultura, identidade, imagem, novas tecnologias e processos interpretativos e tradutórios da LIBRAS, tomando como ponto de partida os estudos da Linguística Aplicada.	
Ementa: Visão das relações processuais entre linguagem, globalização, cultura, identidade, imagem, novas tecnologias e processos interpretativos e tradutórios da LIBRAS, tomando como ponto de partida os estudos da Linguística Aplicada e sua transdisciplinaridade com áreas como Antropologia, Sociologia, Educação, Estudos Culturais, Novos Letramentos e Multiletramentos e Linguística Aplicada Crítica. Reflexões sobre a pesquisa na área de estudos de línguas adicionais com enfoque na LIBRAS, considerando-se o paradigma qualitativo e ético decorrentes de pesquisas de cunho intervencionistas.	
Bibliografia Básica	
1. ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura. Porto Alegre: PUC/RS e Centro Yázigi de Educação e Cultura, 1987.	
2. CAVALCANTI, M.; MOITA LOPES, L. P. Implementação da pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, n. 17, 1991.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

3. GERALDI, J. W. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
4. MOITA LOPES, L. P. Oficina de Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

Bibliografia Complementar

1. GESSER, A. LIBRAS: que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.
2. _____. O ouvinte e a surdez: ensinar e aprender LIBRAS. São Paulo: Parábola, 2012.
3. FALCÃO, L. A. Surdez, cognição visual e LIBRAS: estabelecendo novos diálogos. São Paulo: Luiz Alberico, 2012.
4. PEREIRA, M. C. LIBRAS: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Brasil, 2011.
5. ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

Escrita de Sinais I	60 h/a
Objetivo: conhecer o processo de aquisição da leitura e escrita da língua de sinais alfabetismo na escrita da língua de sinais	
Ementa: O processo de aquisição da leitura e escrita da língua de sinais. O alfabetismo na escrita da língua de sinais. Alternativas didático-pedagógicas para o ensino da escrita de sinais. Estudo de expressões literárias próprias da cultura surda. Produção de literatura na escrita da língua de sinais.	
Bibliografia Básica	
<ol style="list-style-type: none"> 1. CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 2002. 2. CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética na educação bilíngue do surdo congênito. In: RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. B. Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3. CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkíria D.; MAURÍCIO, Aline C. Novo Deit-LIBRAS: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, de A a Z. 2 v. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012. 	
Bibliografia Complementar	
<ol style="list-style-type: none"> 1. ESTELITA, M. Elis – Escrita das Línguas de Sinais. Petrópolis: Arara Azul, 2007. 2. HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. Cinderela Surda. Canoas: Ed. ULBRA, 2007. 3. KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: KATO, M. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1998. 4. STUMPF, Marianne. R. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador. 2005. 328f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 dez. 2013. SUTTON, Valerie. SignWriting: manual. Disponível em: <www.signwriting.org>. Acesso em: 22 nov. 2013. 	

Escrita de Sinais II	40 h/a
Objetivo: Aprofundar os estudos sobre processo de aprendizagem da leitura e escrita de sinais.	
Ementa: Aprofundamento de estudos sobre processo de aprendizagem da leitura e escrita de sinais. Relação de comparação entre códigos escritos e a escrita de sinais. Produção de textos escritos em língua de sinais.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA 

Bibliografia Básica

1. CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética na educação bilíngue do surdo congênito. In: RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. B. Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
2. CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkíria D.; MAURÍCIO, Aline C. Novo Deit-LIBRAS: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, de A a Z. 2 v. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

Bibliografia Complementar

1. ESTELITA, M. Elis – Escrita das Línguas de Sinais. Petrópolis: Arara Azul, 2007.
2. HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. Cinderela Surda. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.
3. KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: KATO, M. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1998.
4. STUMPF, Marianne. R. Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador. 2005. 328f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 dez. 2013.
- SUTTON, Valerie. SignWriting: manual. Disponível em: <www.signwriting.org>. Acesso em: 22 nov. 2013.

SINTAXE	60 h/a
<p>Objetivos: Compreender a sintaxe como parte integrante da língua que estuda as relações que as palavras mantêm entre si nas estruturas simples e complexas em seus aspectos gramaticais e linguísticos. Analisar as abordagens gramatical e linguística das construções sintáticas e suas relações numa descrição morfossintática da língua portuguesa; Identificar os constituintes oracionais nas estruturas simples; Caracterizar a coordenação e a subordinação nas estruturas complexas; Descrever como ocorrem as diferentes relações sintáticas dentro do discurso.</p>	
<p>Ementa: Sintaxe da Língua Portuguesa - Abordagem gramatical das construções sintáticas e parâmetro para uma descrição morfossintática da língua portuguesa; Sintaxe do período simples - Estudo normativo e estrutural das estruturas simples: a oração e seus constituintes; Sintaxe do período composto - Estudo normativo e estrutural das estruturas complexas: Período composto por coordenação e subordinação; Sintaxe e discurso: Regência (crase), Concordância Verbal, Concordância Nominal, Colocação das palavras em geral, Colocação Pronominal.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. BECHARA, Evanildo. <i>Lições de Português pela Análise Sintática</i>. Rio de Janeiro, RJ: Editora Lucerna, 2001. 2. FERRAREZI JUNIOR, Celso. <i>Sintaxe para a educação básica</i>. São Paulo: Contexto, 2012. 3. SAUTCHUK, Inez. <i>Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática</i>. Barueri, SP: Manole, 2004. 	
<p>Bibliografia Complementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. AZEREDO, José Carlos de. <i>Gramática Houaiss da língua portuguesa</i>. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010. 2. _____. <i>Iniciação à sintaxe do Português</i>. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. (Coleção Letras). 3. BAGNO, Marcos. <i>Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa</i>. São Paulo: 	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



Parábola, 2001.

4. BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Editora Lucema. Rio de Janeiro, RJ. 2001.

5. CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (de acordo com a nova ortografia). 5. ed. Editora Lexikon Editorial, 2009. Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

6. ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. São Paulo: Unicamp, 1986.

7. MOURA NEVES, M. H. *Gramática de Usos da Língua Portuguesa*. SP: Editora da UNESP, 2003.

8. PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

9. VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática da Língua Portuguesa. Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática do Texto/Diálogo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Periódicos:

Links para Revistas e Periódicos em Sintaxe

<http://www.soportugues.com.br/secoes/sint/>

<http://www2.videolivroria.com.br/pdfs/12934.pdf>

Teoria Linguística 2	60 h/a
<p>Objetivos: compreender os estudos de tendências teóricas linguísticas contemporâneas pós-estruturalistas, que relacionam os aspectos linguísticos e os sociais</p>	
<p>Ementa: Estudo de tendências teóricas linguísticas contemporâneas pós-estruturalistas, que relacionam os aspectos linguísticos e os sociais, seja através da noção de variação (Sociolinguística Laboviana), da interação qualitativa (Sociolinguística Interacional), do enunciado como unidade de análise (Teorias da Enunciação e da Pragmática), do texto como unidade de análise (Linguística textual) e do discurso (as diferentes análises do discurso).</p>	
<p>Bibliografia Básica</p>	
<p>1. BAKHTIN, M. <i>Marxismo e Filosofia da Linguagem</i>. São Paulo: Hucitec, 2004. 2. BENVENISTE, E. <i>Problemas de Linguística Geral I</i>. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. 3. MARCUSCHI, L. <i>Linguística de texto: o que é e como se faz</i>. São Paulo: Parábola, 2012. 4. TARALLO, Fernando. <i>A pesquisa Sociolinguística</i>. São Paulo: Ática, 1986.</p>	
<p>Bibliografia Complementar</p>	
<p>1. FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. <i>Introdução à linguística da enunciação</i>. São Paulo: Contexto, 2005. 2. MARTELOTTA, M. E. (Org.). <i>Manual de linguística</i>. São Paulo: Contexto, 2008. 3. MARTIN, R. <i>Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina</i>. São Paulo: Parábola, 2003. 4. MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. <i>Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos</i>. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 5. ORLANDI, E. <i>Análise do discurso: princípios e procedimentos</i>. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.</p>	

Língua Brasileira de Sinais 3	80 h/a
<p>Objetivos: Compreender o uso do espaço nos níveis de análise da língua de sinais, bem como o uso dos classificadores</p>	
<p>Ementa: O uso do espaço nos níveis de análise da língua de sinais, bem como o uso dos classificadores: tipos de classificadores, suas restrições e funções nas línguas de sinais. Os verbos complexos classificadores.</p>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



Bibliografia Básica

1. FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na LIBRAS: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. Anais do Congresso Nacional do INES, 2002.
2. FERREIRA-BRITO, Lucinda. Por uma gramática das línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
3. QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004..

Bibliografia Complementar

1. CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkíria D.; MAURÍCIO, Aline C. Novo Deit-LIBRAS: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, de A a Z. 2 v. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
2. FELIPE, T. A relação sintático-semântica dos verbos na língua brasileira de sinais: LIBRAS. 1998. 143f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
3. QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. (Org.). Estudos surdos IV. Petrópolis: Arara Azul, 2009. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/e-books/pesquisas-em-estudos-surdos/item/107-estudos-surdos-4>>. Acesso em: 24 jan. 2014.
4. MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Língua e gesto em línguas sinalizadas. Veredas, UFJF, v. 15, p. 289-304, 2011. [Versão Online]. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

Literatura Surda	60 h/a
Objetivos: Conhecer os diferentes tipos de produção literária em sinais.	
Ementa: Diferentes tipos de produção literária em sinais: estórias visualizadas, o conto, as piadas, as poesias. As diferentes etapas utilizadas pelo contador de estórias para crianças surdas. Exploração visual e espacial das diferentes narrativas. As narrativas surdas: redescoberta da criação literária surda.	
Bibliografia Básica	
1 ARNHEIM, R. Arte e percepção visual. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980. ____.	
Consideraciones sobre la educación artística. Buenos Aires: Paidós, 1993.	
2. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane; SALES, Heloisa M. Artes visuais da exposição à sala de aula. São Paulo: EDUSP, 2005.	
3. BARBOSA, Ana Mae (org.) Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.	
4. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 2000.	
5. BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.	
6. COELHO, Nelly N. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.	
Bibliografia Complementar	
1. HESSEL, Carolina, ROSA, Fabiano, KARNOPP, L. B. Cinderela Surda. Canoas: ULBRA, 2003.	
2. HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre: ArtMed, 2000.	
3. LOWENFELD, V. & BRITAIN, W.L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.	
4. LODI et al. Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediação: 2002, p. 47-55. MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas: Mercado das Letras, 2001.	
5. PANOZZO, Neiva Petry. Percursos estéticos na literatura infantil: contribuições para	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



a leitura da imagem na escola. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2001. (dissertação de mestrado)

6. PERISSÉ, Gabriel. Literatura & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

7. PILLAR, Analice Dutra (org.) A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

8. PILLAR, Analice Dutra. Os regimes de visibilidade nos desenhos animados. In: _____. Regimes de visibilidade nos desenhos animados da televisão. Porto Alegre: FAGED/FAPERGS, 2004. p. 22-45.

9 _____. Criança e televisão: leituras de imagens. Porto Alegre: Mediação, 2001.

10. ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Adão e Eva. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

11. ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Patinho Surdo. Ilustrações de Maristela Alano. Canoas: ULBRA, 2005.

EDUCAÇÃO BILÍNGUE	40 h/a
Objetivo: compreender os conceitos de Bilinguismo e Educação Bilíngue	
Ementa: Conceitos de Bilinguismo e Educação Bilíngue. Atitudes do ser bilíngue. Aspectos psicolinguísticos e neurolinguísticos no ser bilíngue. Práticas de educação bilíngue.	
Bibliografia Básica:	
1. AHLGREN, I. Sign Language as the first language. In Bilingualism in deaf education. Ahlgren & Hyltenstam (eds.) Hamburg: Signum-Verl. 1994. 15-36.	
2. FERNANDES, Eulália (org.). Surdez e Bilinguismo. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.	
3. CAVALCANTI, M. C. E BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.). Transculturalidade, Linguagem e Educação, Campinas, Mercado das Letras.	
Bibliografia Complementar:	
1. CUMMINS, J. Language and the Human Spirit. TESOL Matters Vol. 13 No. December 2002/January/February 2003.	
2. DAVID, Ana Maria Fernandes. As concepções de ensino-aprendizagem do Projeto Político-Pedagógico de uma escola de educação bilíngue. São Paulo: 184 pp. 2007.	
3. DORZIAT, Ana. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. In: SKLIAR, C. (org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999.	

SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA	60 h/a
Objetivo: Apresentar ao aluno diferentes abordagens teóricas de Semântica e de Pragmática através de uma panorâmica dos estudos da significação, reconhecendo os limites entre elas. Desenvolver a percepção da relação linguagem, mundo e sentido. Refletir sobre questões de semântica aplicadas ao processo de ensino da língua portuguesa.	
Ementa: Aspectos relevantes do plano semântico-pragmático do sistema linguístico do português, à luz das teorias e estudos produzidos/veiculados a partir da década de 70.	
Bibliografia Básica:	
1. FERRAREZI JR, C. <i>Introdução à Semântica de Contextos e Cenários</i> . Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.	
2. ILARI, R. <i>Introdução à semântica: brincando com a gramática</i> . São Paulo: Contexto, 2001.	
3. SILVEIRA, J.R.C., FELTES, H.P.M. <i>Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância</i> . ed. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 2002.	
Bibliografia Complementar:	
1. MARQUES, M.H.D. <i>Iniciação à Semântica</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

2. MOURA, H.M.M. *Significação e contexto*. Florianópolis: Insular, 1999
3. TAMBA-MECZ, I. *A Semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.
4. RAJAGOPALAN, K. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.
5. MÜLLER, A. L. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto: 2003.

Periódicos:

1. Cadernos de Estudos Linguísticos – Unicamp
2. Revista Estudos Linguísticos – GEL
3. [Revista de Estudos da Linguagem](#) – UFMG
4. [DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada](#) – PUC/SP

História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	40 h/a
Objetivo: Apresentar ao aluno Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais	
Ementa: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena a partir das leis regulamentadoras de nº s 9.394/96, 10.630/03 e 11.645/08. As culturas africana e indígena na literatura e história brasileiras. Retrospectiva da história da África e dos africanos; o contato entre o europeu e o africano e a chegada dos africanos no Brasil; as diversas formas e tipos de escravidão. Os negros e sua luta no Brasil. A história de um povo resistente. A cultura negra e a cultura indígena. Influência no Brasil. A formação da sociedade nacional.	
Bibliografia Básica: <ol style="list-style-type: none"> 1. BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, 2005. 2. _____. Lei n. 11.645/2008. Brasília: MEC, 2008. 3. GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações étnico-raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 	
Bibliografia Complementar: <ol style="list-style-type: none"> 1. BRANDÃO, C. de J. B. A cena do Dia do Índio na TV. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010. 2. TIRADENTES, J. A.; SILVA, D. R. da. Sociedade em construção: história e cultura afro-brasileira (o negro na formação da sociedade brasileira). São Paulo: Direção Cultural, 2008. 3. _____. Sociedade em construção: história e cultura indígena brasileira (o índio na formação da sociedade brasileira). São Paulo: Direção Cultural, 2008. 4. REDIKER, Marcus. Navio negreiro: uma história humana. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 5. SILVA, A. C. da. Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático. Salvador: EDUFBA, 2005. 	

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA	40 h/a
Objetivo: Rever os primeiros textos do latim ao galego-português. Experimentar o contato com textos arcaicos. Proporcionar a discussão e o aprendizado da constituição do léxico português. Refletir a respeito da língua no Brasil.	
Ementa: Do latim aos primeiros textos em galego-português. Domínio da Língua Portuguesa. Português arcaico. Textos arcaicos. A ortografia. Palavra e vocábulo. Sílabas fonéticas históricas: vocalismo e consonantismo. Metaplasmo. Constituição do léxico português. Morfologia. O português do Brasil: os fatos históricos. O elemento indígena e o africano. Diferenciação dialetal. Brasileirismos. A questão da língua no Brasil.	
Bibliografia Básica	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



1. ELIA, Sílvio. *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
2. MATTOS E SILVA, Rosa Maria. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
3. NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

Bibliografia Complementar

1. WEINREICH, LABOV & HERZOG. *Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
2. ABDALA Jr., Benjamin & CAMPEDELLI, S. Youssef (Dir.). *História da Língua Portuguesa*. Vols. I A VI. São Paulo, Ática: 1989.

História da Educação de Surdos	80 h/a
<p>Objetivo: Rever a relações históricas entre a educação e a escolarização. A comunidade surda: organização política, linguística e social. Os movimentos surdos locais, nacionais e internacionais</p>	
<p>Ementa: História da surdez e dos surdos. Relações históricas entre a educação e a escolarização. A comunidade surda: organização política, linguística e social. Os movimentos surdos locais, nacionais e internacionais. Educação dos surdos e família: os pais ouvintes e os pais surdos. O diagnóstico da surdez. As relações estabelecidas entre a família e a criança surda. O impacto na família da experiência visual. A língua de sinais e a família com criança surda. A formação da identidade da criança surda filha de pais ouvintes. Atividades de prática como componente curricular.</p>	
<p>Bibliografia Básica:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. BARBOZA, Heloisa Helena e MELLO, Ana Cláudia P.Teixeira. <i>O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo</i>. Oficina Folha Carioca Editora Ltda: Rio de Janeiro, 1995. 2. LANE, Harlan. <i>A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada</i>. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. _____ <i>When the Mind Hears: a history of the deaf</i>. Nova York: Vintage Books, 1989. 3. LOPES, Maura Corcini, “A natureza Educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos” In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs.), <i>A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação</i>, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004. 4. STROBEL, Karin. <i>As imagens do outro sobre a cultura surda</i>. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013. 	
<p>Bibliografia Complementar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. MAZZOTTA, Marcos J.S. <i>Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas</i>. São Paulo: Cortez Editor, 2001 2. MITTERRAND, François. <i>Lê Pouvoir dès Signes</i>. Paris: Institut National de Jeunes Sourds de Paris, 1989. 3. MOURA, Maria Cecília de. <i>História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais</i>. In LOPES 4. FILHO, Otacílio de C. <i>Tratado de Fonoaudiologia</i>. São Paulo: Roca, 1997. 5. PESAVENTO, Sandra J.; <i>História & História Cultural</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 6. SÁ, Nídia Regina Limeira de, <i>Cultura, Poder e Educação de Surdos</i>. Manaus: INEP, 2002. 7. SACKS, Oliver. <i>Vendo Vozes: Uma jornada pelo mundo dos surdos</i>. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990. 8. WIDELL, Joanna <i>As fases históricas da cultura surda</i>, Revista GELES – Grupo de Estudos Sobre Linguagem, Educação e Surdez nº 6 – Ano 5 UFSC- Rio de 	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



Janeiro: Editora Babel, 1992.

Língua Brasileira de Sinais 4	80 h/a
Objetivo: desenvolver a descrição visual no uso da língua de sinais	
Ementa: Descrição visual: técnicas e habilidades. Explorar o espaço de sinalização do ponto de vista linguístico e topográfico. Atividades de prática como componente curricular ou atividades aplicadas à tradução e interpretação.	
Bibliografia Básica:	
1. ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vania de Aquino Albres (Org.). LIBRAS em estudo: tradução/interpretação. São Paulo: FENEIS, 2012.	
2. QUADROS, R. M. de. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167-177, jun. 2006.	
3. QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi Stumpf (Org.). Estudos Surdos IV. Rio de Janeiro: Arara azul, 2009.	
Bibliografia Complementar:	
1. BAKER, C.; COKELY, D. American sign language: a teacher's resource text on grammar and culture. Silver Spring: TJ Publishers. 1980.	
2. EDMONDSON, W.H.; KARLSON, F. (Ed.). The Fourth International Symposium on Sign Language Research. Hamburg: SIGNUM-Verlag Press, 1990.	
3. KEGL, J. Pronominalization on ASL. MIT. [Cambridge, Massachussets] 1987.	
4. LIDDELL, S. Four functions of a locus: reexamining the structure of space in ASL. In: Ceil Lucas. Sign Language Research: theoretical issues. Washington: Gallaudet University Press, 1990. p. 176-198.	
5. PADDEN, C. Interaction of morphology and syntax in ASL. 1983. Tese (Doutorado) – University of California, San Diego, 1983.	
6. SIPLE, P. Visual constraints for sign language communication. Sign Language Studies, v. 19, p. 95-110, 1978.	

SOCIOLINGÜÍSTICA	40 h/a
Objetivo: Estudar as contribuições da Sociolinguística para a compreensão do fenômeno das variações, bem como o comportamento linguístico dos falantes em comunidades linguísticas; estudar ainda a relação entre as manifestações de fala e de escrita entendidas como práticas de diferentes segmentos sociais.	
Ementa: O que é Sociolinguística; variação linguística; variantes linguísticas e extralinguísticas. Línguas em contato. Comportamentos linguísticos. Hipercorreção. Variáveis linguísticas e sociais. Método e coleta de dados.	
Bibliografia Básica	
1. MOLLICA, Maria Cecília. <i>Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação</i> . São Paulo: Contexto, 2003	
2. CALVET, Louis-Jean. <i>Sociolinguística: uma visão crítica</i> . São Paulo: Parábola Editorial, 2003.	
3. BORTONI-RICARDO, S.M.. <i>Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação</i> . São Paulo: Parábola, 2005.	
Bibliografia Complementar	
1. BAGNO, Marcos. <i>A norma oculta</i> . São Paulo: Parábola Editorial, 2003	
2. RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). <i>Sociolinguística interacional</i> . São Paulo: Loyola, 2002.	
3. ILARI, R.; BASSO, R. <i>O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos</i> . São Paulo: Contexto, 2006.	
4. MONTEIRO. Labov. <i>Para compreender Labov</i> . Petrópolis, rio de Janeiro: Vozes, 2000.	
Periódicos:	
1. Sociolinguística e Dialetoлогия Amazônica/Amazônida: Considerações sobre	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



Linguagem, Cultura, Sociedade e Educação.

<http://www.periodicos.unir.br/index.php/linguaviva/article/view/290>

2. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **LOPES, Célia Regina dos Santos. Publicado em: DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 1998, Vol.14, p.405-422**

3. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 2003, Vol.19, p.223-225 [Periódico revisado por pares]
<http://www.periodicos.capes.gov.br>

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 5

80 h/a

Objetivo: Proporcionar aprendizados da semântica e pragmática, análise reflexiva dos aspectos da língua de sinais brasileira

Ementa: Tópicos de linguística aplicados à língua de sinais: semântica e pragmática. Análise reflexiva dos aspectos semânticos e pragmáticos da língua de sinais brasileira. Atividades de prática como componente curricular ou atividades aplicadas à tradução e interpretação.

Bibliografia Básica

1. CAPOVILLA, F. C. et al. Quando surdos nomeiam figuras: processos quirêmicos, semânticos e ortográficos. In: Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1-350, jul./dez. 2006.
2. ESTELITA, M. Por uma ordem "alfabética" nos dicionários de línguas de sinais: ensaio. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
3. HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. Curso de Semântica. Tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.

Bibliografia Complementar

1. AHLGREN, I. Deictic pronouns in Swedish and Swedish Sign Language. In: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. (Eds.). Theoretical Issues in Sign Language Research, v. 1, Linguistics, p. 167-174. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1990.
2. BERENZ, N.; FERREIRA-BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. In: W.H. Edmondson; Karlsson. SLR'87: papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research, v. 10, p. 26-36, 1987.
3. LILLO-MARTIN, D.; KLIMA, E. S. Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory. In: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. (Eds.). Theoretical Issues in Sign Language Research, v. 1, Linguistics, p. 191-210. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1990.

LEGISLAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL

60 h/a

Objetivo: Apresentar a função social da política governamental para a educação. A Lei da Educação Ambiental. Estudar a legislação da educação básica, os PCN e a matriz curricular do Estado de Rondônia.

Ementa: A educação e política de governo e sua função social. Os parâmetros legais da organização estrutural e curricular brasileira para a educação básica: a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares Nacionais. A matriz curricular do Estado de Rondônia.

Bibliografia Básica

1. BRANDÃO, Carlos Fonseca. *LDB: passo a passo*. 2. ed. São Paulo: AVERCAMP, 2005.
2. LIBÂNEO, José Carlos. (org.) *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



3. VEIGA, I. P. Alencastro (org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. 17 ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

Bibliografia Complementar

1. BRZEZINSKI, Iria (org.). *LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

2. SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: Trajetória, limites e perspectivas*. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

DIDÁTICA E EDUCAÇÃO DE SURDOS	60 h/a
--------------------------------------	---------------

Objetivo: proporcionar o ensino para educação de surdos com base na experiência visual.

Ementa: Educação de surdos com base na experiência visual: educação infantil; ensino fundamental; ensino médio; ensino profissionalizante. O currículo na educação de surdos. Propostas de ensino para educação de surdos com enfoque nas experiências visuais. Didática e dinâmica na aula de/com surdos. A formação profissional e docente em educação ambiental.

Bibliografia Básica

1. CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). *Currículo: Questões atuais*. Campinas: Papyrus, 1997.

2. MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). *Currículo: Questões atuais*. Campinas: Papyrus, 1997.

3. HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

4. NARODOWSKI, Mariano. *Comenius e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

5. PERLIN, Gladis. Surdos: cultura e Pedagogia. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). *A Invenção da Surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

Bibliografia Complementar

1. REIS, Flaviane. Professores Surdos: Identificação ou “Modelo”. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo) SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade. Uma introdução às terias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

2. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

3. SILVEIRA, Carolina Hessel. O Currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda. In: QUADROS, Ronice; PERLIN, Gládis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro, Editora Arara, 2007. (no prelo)

4. VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	60 h/a
---	---------------

Objetivo: estudar metodologias direcionadas ao ensino da língua de sinais. Analisar aspectos temáticos, estruturais, linguísticos e a funcionalidade dos textos nos diferentes contextos sociais.

Ementa Discussão acerca de aspectos metodológicos direcionados ao ensino da língua de sinais por meio do contexto e textualização em sinais articulada com o uso da língua e da prática da análise linguística. Elaboração de propostas para o ensino de língua de sinais a partir da diversidade textual sinalizada: análise dos aspectos temáticos, estruturais, linguísticos e a funcionalidade dos textos nos diferentes contextos sociais.

Bibliografia Básica

1. DORZIAT, Ana. *Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

metodológica. In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1.
2. LUJÁN, M. A. "As crianças surdas adquirem sua língua". In: MOURA, M.C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. C. (Org.). Língua de sinais e educação do surdo. São Paulo: Tec Art, 1993. (Série de Neuropsicologia, 3).
3. POKER, R. B. Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional. 2001. 363 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

Bibliografia Complementar

1 H; VANDRESEN, P. Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
2. KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
3. LACERDA, Cristina B. F. de; MANTELATTO, Sueli A. C.; LODI, Ana Claudia B. Problematizando o ensino de língua de sinais: discutindo aspectos metodológicos. In: Anais do VI Congresso Latinoamericano de Educacion Bilingue-Bicultural para Sordos. Santiago de Chile, jul. 2001.
4. SÁ, N. R. L. de. Educação de surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: Eduff, 1999.

<p>ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OBSERVAÇÃO E PARTICIPAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II</p>	<p>100 h/a</p>
<p>Objetivos: Estudar a legislação de diretrizes do ensino de Língua e Literatura e rever as concepções de educação e ensino de língua, assim como as metodologias de ensino.</p>	
<p>Ementa: Legislação e diretrizes curriculares do ensino de língua e literatura no Ensino Fundamental. O espaço do professor e do aluno e a interação na escola. Histórico do ensino de português no Brasil. Legislação Educacional. Concepções: de educação, de ensino e de língua. Metodologias de ensino, competências, currículo escolar e material didático. Processos de avaliação. Vivência do cotidiano da escola pública do Ensino Fundamental para conhecimento da estrutura física da escola, proposta pedagógica e organização do trabalho escola; Elaboração e execução do projeto de estágio. Regência de Língua e Literatura; Seminários de discussões interdisciplinares.</p>	
<p>Bibliografia Básica: 1. AZEREDO, J. Carlos (Org.). <i>Língua Portuguesa em debate</i>: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000. 2. MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolett. <i>Ensino</i>: as abordagens do processo. E.P.U.: São Paulo, 1986. 3. SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (orgs.) <i>A escolarização da leitura literária</i>: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FAE/UFMG, 2006. p. 17-48.</p>	
<p>Bibliografia Complementar: 1. CANDIDO. Antonio. A literatura e formação do homem. In: <i>Ciência e cultura</i>. São Paulo, SBPC, 24 (9), set/1972 a. 2. CASTILHO, Ataliba T. A língua falada no ensino de português. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2002. 3. FAZENDA, Ivani. (Org.) <i>Novos Enfoques da Pesquisa Educacional</i>. SP: Cortez, 2001. 4. LAJOLO, Marisa. <i>Do mundo da leitura para a leitura do mundo</i>. São Paulo: Ática, 1983.</p>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



5. TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude, *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: OBSERVAÇÃO NO ENSINO MÉDIO	100 h/a
Objetivos: Constatar a legislação que diz respeito às diretrizes curriculares do ensino de língua e literatura no ensino Médio. Vivenciar o cotidiano das escolas.	
Ementa: Legislação e diretrizes curriculares do ensino de língua e literatura no Ensino Médio. Legislação Educacional. Metodologias de ensino, competências, currículo escolar e material didático. Processos de avaliação. Vivência do cotidiano da escola pública do Ensino Médio para conhecimento da estrutura física da escola, proposta pedagógica e organização do trabalho escolar; Elaboração e execução do projeto de estágio. Seminários de discussões interdisciplinares.	
Bibliografia Básica: 1. NIDELCOFF, M. Teresa. <i>A escola e a compreensão da realidade</i> . São Paulo: Brasiliense, 1994. 2. TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude, <i>O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas</i> . Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 3. VANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (orgs.) <i>A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil</i> . Belo Horizonte: Autêntica/ CEALE/FAE/UFMG, 2006. pp. 17-48.	
Bibliografia Complementar: 1. COSSON, Rildo. <i>Letramento literário: teoria e prática</i> . São Paulo: Contexto, 2006. pp. 51-73. 2. GNERRE, Maurício. <i>Linguagem, escrita e poder</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998. 3. ILARI, Rodolfo. <i>A linguística e o ensino da língua portuguesa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1989. 4. ZUMTHOR, Paul. <i>Performance, recepção, leitura</i> . São Paulo: EDUC, 2000	

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REGÊNCIA EM L1 NO ENSINO FUNDAMENTAL II	100 h/a
Objetivos: conhecer a realidade e analisar o processo de articulação teoria/prática.	
Ementa: Realização de sondagem/diagnóstico em aulas de língua de sinais e escrita da língua de sinais: conhecimento da realidade e análise do processo de articulação teoria/prática. Planejamento e programação de estágio língua de sinais e escrita da língua de sinais. Docência compartilhada com a escola campo de estágio no nível Fundamental II, pela Regência de Classe Regular ou sob forma de Projetos Especiais de ensino da língua de sinais e escrita de sinais.	
Bibliografia Básica: 1. AHLGREN, I. Sign Language as the first language. In Bilingualism in deaf education. Ahlgren & Hyltenstam (eds.) Hamburg: Signum-Verl. 1994. 15-36. 2. DORZIAT, Ana. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. In: SKLIAR, C. (org.). <i>Atualidade da educação bilíngue para surdos</i> . Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999. 3. FLETCHER, P. & GARMAN, M. <i>Language acquisition</i> . Cambridge University Press. Cambridge. 1986. 4. FOK, A.; VANHOEK, K.; KLIMA, E. S. & BELLUGI, U. The interplay between visuospatial language and visuospatial script. In <i>Advances in cognition, education and</i>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



deafness. D. S. Martin (ed.). Washington, DC: Gallaudet University Press. 1991. 127-145.

Bibliografia Complementar:

1. INGRAM, D. First language acquisition. Cambridge University Press. Cambridge. 1989.
2. KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1994.
- 3 LACERDA, Cristina B. F. de, MANTELATTO, Sueli A. C.& LODI, Ana Claudia B. Problematizando o ensino de língua de sinais: discutindo aspectos metodológicos. In: Anais do VI Congresso Latinoamericano de Educacion Bilingüe-Bicultural para Sordos. Santiago de Chile, julho de 2001.
- 4LILLO-MARTIN, D. C. Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REGÊNCIA EM L2 NO ENSINO MÉDIO	100 h/a
Objetivos: Planejar e programar o estágio da língua de sinais como segunda língua.	
Ementa: Realização de sondagem/diagnóstico em aulas de língua de Sinais como segunda língua. Planejamento e programação de estágio da língua de sinais como segunda língua compartilhado com o campo de estágio. Docência compartilhada com o campo de estágio no Médio de ensino, pela Regência de Classe Regular ou sob forma de Projetos Especiais de ensino de língua de sinais como segunda língua.	
Bibliografia Básica:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. ELLIS, Rod. Second Language Acquisition and Language Pedagogy. Multilingual Matters Ltd. Clevedon. Philadelphia. Adelaide. 1993. 2. KEMP, Mike. Fatores para o sucesso da aquisição da língua de sinais: variáveis sociais. In: Congresso surdez e pós-modernidade: novos rumos para educação brasileira, 18 a 20 de setembro de 2002. INES, divisão de Estudos e pesquisas – Rio de Janeiro, 2002. 3.LACERDA, Cristina B. F. de, MANTELATTO, Sueli A. C.& LODI, Ana Claudia B. Problematizando o ensino de língua de sinais: discutindo aspectos metodológicos. In: Anais do VI Congresso Latinoamericano de Educacion Bilingüe-Bicultural para Sordos. Santiago de Chile, julho de 2001. 	
Bibliografia Complementar:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. POERSCH, J. M. Atitudes e Aptidões no Ensino de Línguas: é possível alfabetizar em língua Estrangeira? Letras de Hoje, Porto Alegre, v.30, n.2, p. 193-205, junho 1995. 2. RÉ, Alessandra Del, A Pesquisa em Aquisição da Linguagem: teoria e prática. Ed. Contexto, São Paulo (2006). 3. SCLIAR-CABRAL, L. Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aquisição sistemática das segundas línguas. In.: BOHN, H; VANDRESEN, P. Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. UFSC, 1988. 4.VENTURI, Maria Alice. Aquisição de língua estrangeira numa perspectiva de estudos aplicados. Ed. Contexto, São Paulo (2006). 	

FILOSOFIA	60 h/a
Objetivos: Discutir o modo estético do pensar filosófico sobre o mundo, as relações entre “ética e estética” e entre “valor estético e valor de mercadoria” no que diz respeito ao pensamento de determinados filósofos. Reconhecer a estética enquanto área da filosofia preocupada com o conhecimento do mundo não apenas pela via da razão, mas	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA 

<p>também da sensibilidade. Ética e responsabilidade socioambiental Conhecer o campo estético de modo a que o aluno saiba como percorrer a história da filosofia <i>em busca da e a partir da</i> perspectiva estética. Discutir Compreender o que há de lúdico no campo estético.</p>
<p>Ementa: Reflexões anteriores à criação da estética. O belo na filosofia antiga. Razão e sensibilidade. A disposição estética para conhecer e transformar o mundo. Atitude lúdica do homem. A arte sob o signo de Apolo e Dionísio. Valor estético e valor de mercadoria. A obra de arte e a reprodução técnica.</p>
<p>Bibliografia básica:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ARISTÓTELES. <i>Poética</i>. Tradução Eudoro de Souza. Porto Alegre: Editora Globo S/A, 1973. (Coleção Os pensadores) 2. BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____. <i>Textos escolhidos</i>. São Paulo: Abril Cultural, vol. XLVIII, 1975. (Coleção Os pensadores) 3. NIETZSCHE, F. <i>O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo</i>. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
<p>Bibliografia complementar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. <i>Dialética do esclarecimento</i>. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 2. BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. <i>Estética</i>. Tradução de Miriam Sutter Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 191p. 3. CARREIRA, E. (org.) <i>Os escritos de Leonardo da Vinci sobre a arte da pintura</i>. Organização, tradução e comentários de Eduardo Carreira. Brasília: Editora UNB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. 4. PLATÃO. Fedro. In: _____. <i>Diálogos</i>. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1975. 5. SCHILLER, F. <i>A educação estética do homem</i>. Numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras. 1995.
<p>Periódicos:</p> <p>AISTHE. Revista da Linha de Estética do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ISSN 1981-7827. Qualis B3.</p> <p>KRITERION. Revista de Filosofia. Qualis A2.</p>

SOCIOLOGIA	60 h/a
<p>Objetivo: Promover o diálogo com os principais pensadores que propiciam a formação sociológica. Propiciar o entendimento dos processos sociais básicos.</p>	
<p>Ementa: Origem, objeto e métodos. Principais pensadores: Émile Durkheim e a formação sociológica; Max Weber e a Sociologia Compreensiva; Karl Marx e a crítica à sociedade capitalista. Processos sociais básicos: cultura, socialização e estrutura social. Interação e Organização Social. Classes Sociais. Instituições. Mudança Social. Problema social e problema ambiental.</p>	
<p>Bibliografia Básica</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. DIAS, Reinaldo. <i>Introdução a Sociologia</i>. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2007. 2. DEMARTIS, Lucia. <i>Compêndio de Sociologia</i>. Coimbra: Edições 70, 2007. 3. DURKHEIM, E. <i>As regras do Método Sociológico</i>. São Paulo: ed. Nacional, 1990. 	
<p>Bibliografia Complementar</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. MERSENAS, P. <i>Sociologia</i>. São Paulo: Ed. Cortez, 1990. 2. RODRIGUES, J. A.(org) <i>Sociologia: Emile D.</i> São Paulo: Ática, 1990. 	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – PRODUÇÃO E DEFESA	60h/a
<p>Objetivos: Proporcionar ao acadêmico as condições necessárias para a pesquisa e formalização do trabalho de conclusão do curso, capacitando-o a desenvolver texto argumentativo consistente teoricamente e em consonância com as normas técnicas,</p>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



cuja apresentação deverá ser feita nas modalidades escrita (monografia/artigo) e oral (defesa em banca).

Ementa: Redação de trabalho final de curso com base no desenvolvimento de projeto anteriormente elaborado, de acordo com as exigências teórico-metodológicas e relação da pesquisa com as áreas do Curso de Letras e áreas afins. Redação e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, segundo as normas da ABNT e sob a orientação de professor.

Bibliografia Complementar:

1. CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. São Paulo: Editora da UNESCO, 2002.
2. FEITOSA, Vera Cristina. Redação de textos científicos. Campinas, Papyrus, 1995.
3. LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1991.
4. SANTOS, Antonio Raimundo. Metodologia Científica: a construção do Conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 1999.
5. SOARES, Edvaldo. Metodologia científica: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.

Periódicos:

Revista Línguas & Letras — e-ISSN: 1981-4755 — ISSN: 1517-7238.
Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação - ISSN: 1981-9943
Revista Todas as Letras - ISSN: 1980-6414

TCC: ELABORAÇÃO DE PROJETO

60 h/a

Objetivo: Conhecer o processo de elaboração de uma pesquisa. Elaborar projeto de pesquisa.

Ementa: Objeto e método científico. Processo de elaboração de uma pesquisa: identificação de problema, delimitação de tema, construção de hipóteses, estabelecimento de objetivos, escolha de linhas metodológicas em consonância com os temas e objetos escolhidos.

Bibliografia Básica:

1. ANDRÉ, M. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papyrus, 2001.
2. INÁCIO FILHO, G. *A Monografia na universidade*. Campinas: Papyrus, 2004.
3. THIOLENT, Michel. *Metodologia de Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2003.

Bibliografia Complementar:

1. DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educação*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
2. ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
3. MARCONI, Mariana de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 6ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.
4. MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
5. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Periódicos:

1. ALFA – Revista de Linguística. Publicação de Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Versão On-line ISSN 1981-5794
2. BAKHTINIANA – Revista de Estudos do Discurso. Publicação de LAEL/PUC-SP (Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Versão On-line ISSN 2176-4573
3. DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Publicação de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Versão impressa ISSN 0102-4450

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



4.Linguagem em (Dis)curso. Publicação de Universidade do Sul de Santa Catarina. Versão impressa ISSN 1518-7632

AACC-ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS	200 h/a
Objetivos: Propiciar aos alunos a oportunidade conviverem com outras áreas do conhecimento e vivenciar a cultura, através de eventos, seminários, cursos etc.	
Ementa: Atividades e experiências intra e extramuros da Universidade que agregam valor à formação sociocultural, intelectual e cultural do discente, e incentivam-no a desenvolver autonomia no que toca ao desenvolvimento de seu próprio processo formativo. Validação de atividades de igual teor desde o ingresso do aluno na Universidade.	
Bibliografia Básica: BRASIL., Conselho Nacional de Educação, <i>Resolução CNE/CP no. 02/2002</i> . Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura de graduação plena, de formação de Professores de Educação Básica em nível superior. BRASIL., Conselho Nacional de Educação, <i>Resolução CNE/CP no. 01/2002</i> . Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura de graduação plena. BRASIL., Conselho Nacional de Educação, <i>Parecer CNE/CES no 583/2001</i> . Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação.	
Bibliografia Complementar: BRASIL., Conselho Nacional de Educação, <i>Parecer CNE no. 28/2001</i> . Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. BRASIL., Conselho Nacional da Educação. <i>Parecer CNE no. 09/2001</i> . Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. MOREIRA, A. F. B; CANDAU, V.M. Educação Escolar e Culturas(s): Construindo Caminhos. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , n. 23, p. 156-168, maio/agosto, 2004. NÓVOA. A. <i>Os professores e a sua formação</i> , 2.ed. Lisboa: Nova enciclopédia, 1995.	

AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA	40 h/a
Objetivos: Apresentar as principais teorias de aquisição de segunda língua.	
Ementa: Estudo das principais teorias de aquisição de segunda língua e suas implicações para o tradutor e/ou intérprete.	
Bibliografia Básica: ARCHIBALD, J. (org.), <i>Second Language Acquisition and Linguistic Theory</i> . Oxford, Blackwell, 2000. DOUGHTY, C. & M. LONG (orgs.), <i>The Handbook of Second language Acquisition</i> . Oxford, Blackwell, 2003. HAWKINS, R., <i>Second Language Syntax: A Generative Introduction</i> . Oxford, Blackwell, 2001.	
Bibliografia Complementar: LACERDA, Cristina B. F. de, MANTELATTO, Sueli A. C.& LODI, Ana Claudia B. Problematizando o ensino de língua de sinais: discutindo aspectos metodológicos. In: Anais KEMP, Mike. Fatores para o sucesso da aquisição da língua de sinais: variáveis sociais. In: Congresso surdez e pós-modernidade: novos rumos para educação	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



brasileira, 18 a 20 de setembro de 2002. INES, divisão de Estudos e pesquisas – Rio de Janeiro, 2002.

RITCHIE, W. & T. BHATIA (orgs.). Handbook of Second Language Acquisition. San Diego, Academic Press, 1996. FREIRE, A. Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o INES. In: SKLIAR, C (org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Vol. 2. Porto Alegre: Mediação, 1999.

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS	40 h/a
Objetivos: Compreender a aquisição da língua de sinais em diferentes contextos de aquisição.	
Ementa: Estudo da aquisição da língua de sinais em diferentes contextos de aquisição: a língua de sinais como língua materna, a língua de sinais como primeira língua e a língua de sinais como segunda língua. Implicações para o tradutor e intérprete de língua de sinais.	
Bibliografia Básica: 1. DOUGHTY, C. (1991) "Second language instruction does make a difference," Studies in Second Language Acquisition 13.431-469. 2. ELLIS, R. (1997) Second Language Acquisition. Oxford: Oxford University Press. 3. HEYE, J. & SAVEDRA, M.. Dimensões de bilinguismo e bilingualidade na aquisição formal da L2. Revista Palavra no. 3. Rio de Janeiro. Departamento de Letras, PUC Rio, 1995, p. 78-96.	
Bibliografia Complementar: 1. NEWPORT, E. L. (1990) "Maturational constraints on language learning," Cognitive Science 14.11-28. 2. POERSCH, J. M. Atitudes e Aptidões no Ensino de Línguas: é possível alfabetizar em língua Estrangeira? Letras de Hoje, Porto Alegre, v.30, n.2, p. 193-205, junho 1995.	

LETRAMENTO	40 h/a
Objetivo: Propiciar o aprendizado a respeito da questão do letramento, esclarecendo que o letramento é um debate teórico e metodológico contemporâneo no contexto da sociedade do conhecimento, uma vez que o letramento é um conceito enraizado na alfabetização, consistindo no desenvolvimento de habilidades de uso do sistema convencional de escrita em atividades de leitura e escrita no contexto de práticas sociais.	
Ementa: A sociedade letrada e o desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Origens dos estudos do letramento. Modelos de letramento. Análise de eventos de letramento em diferentes contextos. Pesquisas sobre letramento no Brasil.	
Bibliografia Básica 1. CORREA, MANOEL L. GONÇALVES. <i>O modo heterogêneo de constituição da escrita</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2004 2. KLEIMAN, A. B. (Org.) <i>Os significados do letramento</i> . Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 3. SOARES, M. B. <i>Letramento: Um Tema em Três Gêneros</i> ; Belo Horizonte: Autêntica, 1998.	
Bibliografia Complementar 1. MATENCIO, Maria de Lourdes, M. <i>Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento</i> . Campinas: Mercado de Letras, 1994. 2. SCHNEUWLY, BERNARD; DOLZ, JOAQUIM. <i>Gêneros orais e escritos na escola</i> . Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 3. SOARES, MAGDA. <i>Linguagem e escola - uma perspectiva social</i> . São Paulo: Ática, 2002. 4. TFOUNI, L.V. <i>Letramento e alfabetização</i> . 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. Coleção	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



questões da nossa época, v. 47.

5. LEITE, Sérgio Antônio da Silva; COLELLO, Silvia M. Gasparian. ARANTES, Valéria Amorim (org.). *Alfabetização e Letramento: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2010.

Periódicos:

1. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa (USP) ISSN: 1980-7686. *Qualis* B2

2. Revista A cor das letras. ISSN: 1415-8973. *Qualis* B4

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	40 h/a
Objetivo: Estudar a evolução conceitual da Educação de Jovens e Adultos considerando os aspectos históricos, políticos, psicológicos e metodológicos ressaltando suas implicações na prática docente. Compreender as significações e as representações sociais do analfabetismo.	
Ementa: Conceito de analfabetismo. Educação e sociedade. As concepções de alfabetização para a Educação de Jovens e Adultos e as possíveis conexões com a Educação Popular. EJA e o mundo do trabalho. Método Freiriano de Alfabetização. As múltiplas linguagens na EJA. Letramento na EJA. As interfaces da Educação de Jovens e Adultos com as diversas áreas de conhecimento.	
Bibliografia Básica	
1. GADOTTI, M. e ROMÃO, J. E. <i>Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta</i> . São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.	
2. SOARES, Leôncio; GIOVANETTI; Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino: <i>Diálogos na Educação de Jovens e Adultos</i> . São Paulo: Autêntica, 2005	
3. LEMOS Claudia. <i>A Construção/fabricação de práticas de alfabetização em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA)</i> . Linguagem em (Dis)curso, 2008, Vol.8(3), p.439. http://www.periodicos.capes.gov.br	
Bibliografia Complementar	
1. FREIRE, Paulo. <i>Pedagogia do oprimido</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1970	
2. _____. <i>Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa</i> . São Paulo: Paz e Terra, 1997.	
3. _____. <i>Autonomia da Escola: princípios e propostas</i> . São Paulo: Cortez, Paz e Terra, 1997.	
4. SAUL, Ana Maria. <i>Avaliação Emancipatória</i> . 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.	
5. PICONEZ, S. C. B. <i>Educação Escolar de Jovens e Adultos</i> . Campinas, SP: Papyrus. 2002	
Periódicos:	
1. Construções Identitárias: ser leitor e alfabetizador de jovens e adultos. LEMOS Claudia. Linguagem em (Dis)curso, 2008, Vol.8(3), p.439. http://www.periodicos.capes.gov.br	
2. Eccos Revista Científica, 2007, Vol.9(1), p.53. Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular: um olhar histórico sobre as políticas públicas ou a ausência delas. Pereira Ferreira, Dulcinéia De Fátima. http://www.periodicos.capes.gov.br	
3. http://www.periodicos.capes.gov.br . Eliana Borges Correia de Albuquerque; Andréa Tereza Brito Ferreira; <i>Educação: Revista do Centro de Educação UFSM</i> , 2008, Vol.33(3)	

MORFOSSINTAXE	40 h/a
Objetivo: Apresentar uma abordagem gramatical normativa e descritiva que dê suporte para a descrição morfossintática da Língua Portuguesa.	
Ementa: Abordagem gramatical normativa e descritiva. Parâmetro para descrição morfossintática da Língua Portuguesa. A morfossintaxe e o discurso. Estudo morfossintático do léxico português sob o prisma estrutural e tradicional.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

Bibliografia Básica

1. AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
2. CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
3. SAUTCHUK, Inez. *Prática de Morfossintaxe*. Barueri: Manole, 2003.

Bibliografia Complementar

1. CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e Coordenação*. São Paulo: Ática, 2001.
2. MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfossintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.
3. CÂMARA, J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.
4. ———. *Princípios de Linguística Geral*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
5. BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

EDUCAÇÃO DE SURDOS E NOVAS TECNOLOGIAS	60 h/a
Objetivo: Compreender a utilização do vídeo, da conferência, da Internet, das redes sociais e multimídia na educação de surdos. Entender as novas tecnologias de linguagem.	
Ementa: A utilização do vídeo, da videoconferência, da Internet, das redes e multimídia na educação de surdos. Softwares disponíveis específicos para surdos.	
Bibliografia Básica BARBOSA, R. M. <i>Ambientes Virtuais de Aprendizagem</i> . Porto Alegre: Artmed, 2005. FREITAS, L. C. <i>A internet como fator de exclusão do surdo no Brasil</i> . Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2007. MERTZANI, M. Reflexões sobre a língua de sinais e a cultura surda em ambientes de comunicação mediada por computador (CMC): explorações e considerações iniciais. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). <i>Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais</i> . Petrópolis: Arara Azul, 2008, p. 367-380.	
Bibliografia Complementar 1. PIERRE, L. <i>Cibercultura</i> . São Paulo: Editora 34, 1999. 2. RAMAL, A. C. <i>Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem</i> . Porto Alegre: Artmed, 2002.	

EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ESCRITA DE L2 PARA SURDOS	40 h/a
Objetivo: Apresentar conceitos de Bilinguismo e Educação Bilíngue.	
Ementa: Conceitos de Bilinguismo e Educação Bilíngue. Atitudes do ser bilíngue. Aspectos psicolinguísticos e neurolinguísticos no ser bilíngue. Práticas de educação bilíngue Aspectos históricos, culturais, linguísticos, educacionais e sociais de surdez. Estudos acerca da escrita do Português para surdos. Vocabulário em língua de sinais brasileira.	
Bibliografia Básica CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Org). <i>Transculturalidade, Linguagem e Educação</i> . Campinas: Mercado das Letras. FERNANDES, Eulália (Org). <i>Surdez e Bilinguismo</i> . Porto Alegre: Mediação, 2005. LODI, Ana Cláudia B.; Harrison, Katryn M. P.; TESKE, Ottmar (Org). <i>Letramento e minorias</i> . Porto Alegre: Mediação, 2002.	
Bibliografia Complementar 1. CAGLIARI, Luiz Carlos. <i>Alfabetização e Linguística</i> . São Paulo: Scipione, 2002.	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



- 2.DAVID, Ana Maria Fernandes. As concepções de ensino-aprendizagem do Projeto Político-Pedagógico de uma escola de educação bilíngue. São Paulo, 184, p. 2007.
- 3.GIORDANI, Liliane F. “Quero escrever o que está escrito nas ruas”: representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- 4.HEYE, J.; SAVEDRA, M.. Dimensões de bilinguismo e bilingualidade na aquisição formal da L2. Revista Palavra, n. 3. Rio de Janeiro. Departamento de Letras, PUC-Rio, 1995, p. 78-96.
- 5.MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, v. 3, n. 5, ago. 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

PROJETOS DE APRENDIZAGEM	40 h/a
<p>Objetivo: Refletir sobre os fundamentos da Pedagogia de Projeto e a relevância dessa metodologia no processo de ensino e aprendizagem. Elaborar projetos voltados ao ensino de língua materna e de literaturas de expressão portuguesa, em uma perspectiva interdisciplinar, refletindo sobre a língua/linguagem em seu efetivo uso social, tendo em vista intervenções práticas no exercício pedagógico.</p>	
<p>Ementa: Elementos conceituais, pressupostos e princípios da Pedagogia de Projetos. Componentes envolvidos no planejamento, execução e avaliação de projetos. O trabalho didático-pedagógico por projetos como forma de organização dos conhecimentos escolares. O uso intencional criativo e crítico reflexivo das tecnologias disponíveis nas unidades escolares. A tecnologia como estímulo nos processos produtivos de novos conhecimentos.</p>	
<p>Bibliografia Básica:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ALMEIDA, M.E.B. <i>Educação, projetos, tecnologia e conhecimento</i>. São Paulo: PROEM. 2002 2. MACHADO, N. J. <i>Educação: Projetos e valores</i>. São Paulo: Escrituras Editora. 2000 3. MORENO, M.; SASTRE, G.; BOVET, M. & LEAL, A. <i>Conhecimento e Mudança – Os modelos organizadores na construção do conhecimento</i>. São Paulo: Editora Moderna e Editora da Unicamp. 2000. 3. NOGUEIRA, N.R. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001. 	
<p>Bibliografia Complementar:</p> <p>MATUI, J. <i>Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino</i>. São Paulo: Editora Moderna. 1996</p> <p>MONTANGERO, J. & MAURICE-NAVILLE, D. <i>Piaget ou a inteligência em evolução</i>. Porto Alegre: Artmed. 1998.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. CHIAPPINI, L e CITELLI, A. Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e tv, rádio, jogos e informática. São Paulo: Cortez Editora, 2000. Vol. 6. 2. JOLIBERT, J. Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006. 3. MARTINS, J. S. O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2001. 4. NOGUEIRA, N.R. Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001. 5. PERRENOUD, Philippe. <i>Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. 6. ROXANE Rojo. (Org.) <i>A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs</i>. São Paulo: Mercado de Letras, 2000. 	
<p>Periódicos:</p>	

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

FERNANDES, Christiane Caetano Martins. *Pedagogia de projetos: um repensar na prática pedagógica docente por meio dos projetos de trabalho na escola*. Diálogos Educ. R., Campo Grande, MS, v. 2, n. 1, p. 43-50, maio 2011.

RICHTER Marcos Gustavo. *Pedagogia de Projeto: Da gramática à comunicação*. Linguagem & Ensino, Vol. 6, No. 1, 2003.

RODRIGUES, Luiz Cláudio Pinheiro, ANJOS, Maylta Brandão dos & RÔÇAS, Giselle. *Pedagogia de projetos: resultados de uma experiência*. Ciências & Cognição 2008; Vol. 13: 65-71.

SILVA, Luciana Pereira da & TAVARES, Helenice Maria. *Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional*. Revista da Católica, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 236-245, 2010.

g) Atividades Acadêmico-Científico-Culturais

Conforme preceitua a Resolução CNE/CP nº2, de 10 de fevereiro de 2002 e considerando a legislação vigente que determina o desenvolvimento de atividades complementares como componentes curriculares obrigatórios, cabe disciplinar o registro e o controle acadêmico dessa ação didática.

Assim, tais atividades integram o currículo do curso, com 200 horas, permitindo sua flexibilização e são indispensáveis para o discente integralizá-lo. Devem ser realizadas individualmente e podem corresponder as seguintes atividades:

- Disciplinas extracurriculares;
- Seminários, mesa-redonda, painéis programados pelo DLV ou outro departamento em área similar de formação;
- Atividades de extensão na área de conhecimento do curso;
- Participação em atividades de monitoria oferecidas pelo departamento;
- Estágio extracurricular, porém vinculado ao curso;
- Atividades de voluntariado em eventos diversos do curso;
- Projetos de Pesquisa;
- Produção coletiva de novas metodologias de ensino;
- Relatório de estudo de caso;
- Participação em Congressos e similares;
- Além de outras.

h) Regulamento das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - Licenciatura em Letras-LIBRAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



CAPÍTULO I - DIRETRIZES E PRINCÍPIOS

Art. 1º As atividades acadêmico-científico-culturais que compõem o currículo do Curso de Letras-LIBRAS têm por princípio oferecer ao aluno situações que possibilitem a formação de atitudes, busca, produção e aplicação de conhecimentos, bem como o desenvolvimento de habilidades necessárias à sua vida acadêmica e formação profissional.

CAPÍTULO II - OBJETIVOS

Art. 2º As horas de atividades acadêmico-científico-culturais que compõem o currículo do Curso de Letras-LIBRAS têm como objetivo propiciar ao aluno oportunidades de vivenciar a realidade acadêmico-científico-cultural.

CAPÍTULO III - CARGA HORÁRIA - ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E DIDÁTICA

Art. 3º A carga horária destinada a atividades acadêmico-científico-culturais será de 200 (duzentas) horas, em conformidade com a Resolução Nº 02/CNE/CP, de 19 de fevereiro de 2002, Art. 1º, § IV.

I – A distribuição e o cumprimento da carga horária obrigatória das atividades acadêmico-científico-culturais ficará a critério do aluno, que deverá ter cumprido as duzentas horas preconizadas até o final de seu curso.

II – O Departamento criará condições de oferta de eventos e/ou atividades acadêmico-científico-culturais, a cada semestre, tais como: Semana de Letras-LIBRAS, Colóquios de Literatura e outros, com vistas a possibilitar aos alunos o cumprimento das horas de atividades.

CAPÍTULO IV - ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Art. 4º Consideram-se atividades acadêmico-científico-culturais:

a) Projetos de pesquisa e/ou extensão desenvolvidos na comunidade, devidamente certificados;

b) Atividades culturais organizadas e realizadas pelos discentes ao longo do curso, tais como, varal literário, sarau, recital de poemas, concursos e outros, desde que reconhecidas pelo Conselho do Departamento e devidamente certificadas.

c) Participação em eventos culturais e acadêmicos:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- i. As horas referentes a essa atividade serão registradas caso o acadêmico apresente comprovante — declaração ou certificado — de participação;
- ii. A avaliação poderá ser diferenciada no tocante à participação do acadêmico como ouvinte, como expositor de trabalhos ou como organizador;
- iii. O Departamento criará uma tabela de equivalência de carga horária para as variadas formas de participação do acadêmico, conforme item (b) acima.
- d) Colóquios integrados em que sejam expostas em forma de mesas-redondas, comunicações individuais, comunicações coordenadas e painéis as produções que tenham sido elaboradas pelos discentes ao longo do semestre;

CAPÍTULO V - FORMAS DE REGISTRO

Art. 5º O registro das horas de AACC desenvolvidas pelos acadêmicos será efetuado no Departamento.

I – O chefe de Departamento deverá encaminhar a DIRCA, semestralmente, relatório com o total de horas de AACC desenvolvidas por cada acadêmico, acompanhado de cópias dos respectivos comprovantes (certificados ou declarações);

II – A DIRCA fará o registro das horas no histórico dos alunos e anexará os comprovantes as suas pastas individuais.

CAPÍTULO VI - ATRIBUIÇÕES DO ALUNO

Art. 6º Compete ao Aluno:

I - Realizar atividades acadêmico-científico-culturais previstas para a integralização do currículo do curso de Letras-LIBRAS;

II - Informar-se, junto ao Departamento, da regulamentação pertinente;

III - Apresentar ao Departamento, semestralmente, relatório das atividades desenvolvidas, devidamente acompanhado de cópias dos comprovantes.

CAPÍTULO VII - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 7º Todos os casos omissos neste documento serão resolvidos de comum acordo entre o professor e seus alunos e, em instância imediatamente superior, pelo Conselho Departamental do Curso de Letras-LIBRAS.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

TABELA DE EQUIVALÊNCIA DE CARGA HORÁRIA REFERENTE ÀS ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS

As atividades abaixo especificadas vêm cumprir o que é estabelecido, na Resolução CNE/CP 02 – DE 19/02/2002, como *Atividades acadêmico-científico-culturais – AACC*.

ATIVIDADE	QUANTIDADE DE HORAS
Publicação de artigo em jornal	10
Publicação de texto traduzido	2 p/ página
Revisão de texto publicado	1 p/ página
Publicação de resenha	10
Publicação de artigo em periódicos especializado locais c/ corpo editorial	20
Publicação de artigo em periódicos especializados nacionais c/ corpo editorial	25
Publicação de artigo em periódicos especializados internacionais c/ corpo editorial	30
Apresentação de painel/pôster de trabalho apresentado em evento	05
Apresentação de comunicação	15
Apresentação de palestra	20
Participação em mesa redonda	10
Publicação de resumo em anais de congressos científicos	05
Trabalho premiado em evento	05
Livro publicado com selo de editora que possua corpo editorial	75
Capítulos de livro e parte de coletânea publicado com selo de editora que possua corpo editorial	25
Participação em exposições ou apresentações artísticas	03
Participação de comissões e/ou júri de concursos/festivais	02
Criação, produção ou edição de sites para a Internet	10
Participação de comissões organizadoras de evento	05
Participante de projeto de pesquisa e/ou extensão desenvolvido ao longo do semestre	20
Curso de extensão ministrado	Tempo de execução + metade desse tempo
Participação em cursos e eventos (seminários, simpósios, congressos, etc.)	Tempo de duração do evento
Monitoria desenvolvida ao longo do semestre, mediante avaliação do professor responsável.	40

- Ao longo do curso, os acadêmicos deverão integralizar duzentas (200) horas concernentes às AACC;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- Não será concedido aproveitamento de uma atividade que tenha sido realizada num momento anterior ao ingresso no curso;

Os casos omissos serão avaliados pelo Conselho de Departamento.

i) Regulamento Específico do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Resolução N.º 242/CONSEPE/UNIR, de 24 de setembro de 1997.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é componente curricular de caráter obrigatório e tem por objetivo promover a complementação da formação acadêmica e profissional no que se refere ao fomento da iniciação à pesquisa, criação, execução, avaliação e reflexão científica. O trabalho de conclusão de curso deverá seguir as normas determinadas pela NBR 14724:2002 e posteriores, se houver.

Ressalte-se que o TCC e as atividades decorrentes de sua execução correspondem a atividades individuais do acadêmico, sob a orientação de um docente designado para esta função, devendo ser respeitada a produção intelectual de outros, evitando-se plágios parciais ou totais, os quais, uma vez identificados, levam à reprovação do trabalho.

Ressalte-se ainda que todos os trabalhos desenvolvidos deverão estar vinculados às linhas de pesquisa do curso. Serão orientados pelos professores do departamento ou de outros departamento da UNIR, desde que devidamente aprovado pelo colegiado do curso, de acordo com o tema a ser desenvolvido, ficando a critério dos alunos a opção entre as seguintes Linhas de Pesquisa do curso de Letras-LIBRAS.

Se na execução da pesquisa para o TCC houver a previsão de envolvimento de seres humanos, o projeto deverá ser submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto na Resolução CNS 196/96 e posteriores se houver.

O documento final (o TCC) deverá ser entregue para avaliação, sob anuência do professor orientador, mediante protocolo no Departamento de Línguas Vernáculas da UNIR. Ao final, além da apresentação do trabalho escrito o acadêmico deverá realizar defesa oral perante Banca Examinadora, composta pelo orientador mais dois membros designados pelo departamento.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



Regimento de TCC do Curso de Letras-LIBRAS

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este regulamento tem por finalidade estabelecer as normas relativas à elaboração, acompanhamento, orientação e avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso dos acadêmicos do Curso de Letras-LIBRAS.

Art.2º O Trabalho de Conclusão de Curso constitui uma atividade curricular obrigatória, de responsabilidade do acadêmico da UNIR e sob orientação de um professor do curso.

Art.3º O Trabalho de Conclusão de Curso terá a natureza de um artigo.

Art.4º As etapas de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso serão definidas pelo Conselho de Curso e normatizadas em parágrafos específicos.

Art.5º O Chefe de Departamento Curso deverá designar um dos professores pertencentes ao conselho de sua graduação para coordenar as atividades atinentes a todos os trâmites do Trabalho de Conclusão de curso, ora designado Coordenador de TCC.

CAPÍTULO II - DOS OBJETIVOS

Art.6º - O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação tem por objetivos:

- a) Apresentar pesquisa dentro das normas técnicas e científicas regulamentadas pelas ABNT;
- b) Aplicar conceitos e métodos apreendidos ao longo dos conteúdos disciplinares e em situações reais de vivência, articulando teoria e prática, quer de maneira experimental, quer através de estudos bibliográficos e de temáticas atinentes às áreas de formação proporcionadas pelo curso;
- c) Enquadrar o Trabalho de Conclusão de Curso nas áreas de pesquisa da Graduação e áreas afins, podendo estar em consonância com as linhas de pesquisa definidas pela Pós- Graduação, bem como procurar integração junto aos núcleos e grupos de pesquisa instituídos.

CAPÍTULO III - PRÉ-REQUISITOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art. 7º Somente poderá efetivar matrícula na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, o acadêmico que não tiver pendências em quaisquer disciplinas em semestres antecedentes ao de oferta da disciplina.

CAPÍTULO IV - DAS ATRIBUIÇÕES

Art. 8º Compete ao Coordenador de Trabalho de Conclusão de Curso:

- a) Fornecer as orientações gerais do TCC e deste regulamento aos professores orientadores e acadêmicos durante os semestres vinculados às etapas de sua elaboração;
- b) Tomar, no âmbito de sua competência, todas as medidas necessárias ao efetivo cumprimento deste regulamento;
- c) Preservar as áreas de pesquisa atinentes ao curso e estimular o compromisso dos acadêmicos e professores no desenvolvimento dos trabalhos de Conclusão de Curso relacionados a tais áreas;
- d) Sugerir professores orientadores aos acadêmicos;
- e) Convocar, de acordo com a necessidade, reuniões com os professores orientadores e acadêmicos matriculados em TCC;
- f) Manter os registros e arquivos atualizados dos projetos finais de TCC, e qualquer outro documento, que serão descartados após a recepção do Trabalho Definitivo;
- g) Organizar as bancas avaliadoras e os registros referentes aos procedimentos;
- h) Homologar o resultado da avaliação do TCC pela banca examinadora e designar Comissões para análise dos recursos interpostos, caso ocorram;
- i) Providenciar o encaminhamento à biblioteca de (01) uma cópia dos TCC's aprovados;
- j) Manter a Chefia e Conselho do Departamento sempre informada quanto às atividades desenvolvidas durante o ano, irregularidades, dificuldades e necessidades da Coordenação de TCC.

Art. 9º São atribuições do Professor-orientador:

- a) Orientar concomitantemente até o máximo de 3 (três) acadêmicos.
- b) Orientar o acadêmico na elaboração do TCC, acompanhando-o desde a elaboração do projeto até a efetivação do Trabalho de Conclusão de Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- c) Trabalhar em consonância com os modelos e normas institucionalizadas, mantendo um padrão específico ao curso de graduação;
- d) Observar e fazer os orientandos observarem as normas deste regulamento;
- e) Frequentar as reuniões convocadas pela Coordenação de TCC;
- f) Indicar co-orientador quando o tema do TCC abranger outras áreas afins de conhecimento, e quando for conveniente ao bom andamento da pesquisa;
- g) Participar como membro da banca examinadora das defesas para as quais estiver designado;
- h) Preencher e assinar, com os demais membros da banca examinadora, a ata final da sessão de defesa do TCC;
- i) Certificar-se da autoria dos trabalhos desenvolvidos pelos respectivos orientandos, impedindo o andamento de trabalhos e/ou encaminhamento para defesa em banca final daqueles que configurarem plágio parcial ou total.

§ 1º A troca de orientador só é permitida quando outro docente assumir formalmente a orientação, mediante aquiescência expressa do professor substituído e do Coordenador de TCC.

§ 2º Deverá o professor-orientador e orientando zelar pela originalidade dos trabalhos desenvolvidos sob sua égide;

§ 3º Uma vez detectado e comprovado o plágio o professor orientador solicitará ao acadêmico nova versão impedindo-o da exposição, não havendo o cumprimento deverá reprová-lo.

§ 4º O professor orientador deve comunicar o desligamento do orientando à coordenação de TCC, se este não comparecer ao mínimo de encontros estabelecidos.

Art. 10 - Ao acadêmico orientando compete:

- a) elaborar um projeto de pesquisa contendo as seguintes indicações: tema, delimitação de tema, problema, justificativa, pressupostos ou hipóteses (facultativo), objetivos (geral e específico), fundamentação teórica, metodologia, cronograma e bibliografia (referências e bibliografia consultada);
- b) cumprir as datas de entrega do projeto e Trabalho de Conclusão de Curso para defesa;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- c) apresentar ao orientador e às bancas material autêntico, sob pena de reprovação se constatado plágio;
- d) Comparecer em dia, local e hora determinados pela Coordenação de TCC para defesa da versão final do seu Trabalho de Conclusão de Curso;
- e) Entregar a coordenação de TCC em datas estipuladas três cópias impressas do projeto final e do TCC;
- f) Cumprir e fazer cumprir este regulamento.

§ 1º O acadêmico orientando, a partir do momento do início de seu TCC, deverá ter no mínimo 06 (seis) encontros para orientações, antes da defesa em banca. Caso isto não seja cumprido, o professor orientador pode agir como determina o parágrafo 3º, alínea i, Cap. IV.

CAPÍTULO V - DA APROVAÇÃO E REPROVAÇÃO

Art.11 A aprovação ou reprovação do acadêmico está ligada à nota atribuída pela banca examinadora, no ato da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

§ 1º O acadêmico será reprovado também, caso não cumpra o que determina o item b, do Parágrafo 2, da alínea i, do artigo 9, Capítulo IV.

§ 2º A nota final do acadêmico é o resultado da média aritmética das notas atribuídas pelos membros da banca examinadora, após o momento da arguição, no ato da defesa.

Art. 12 Para aprovação o acadêmico deve obter nota igual ou superior a 60 (sessenta);

Art. 13 Os resultados finais, assinados por todos os membros da banca examinadora, deverão estar registrados em atas próprias, anexadas ao TCC, e arquivadas na coordenação de TCC;

Parágrafo único: Cabe à banca examinadora preencher as atas de aprovação constando os itens relativos à avaliação do TCC.

Art. 14 A banca se reserva no direito de exigir alterações no TCC, se necessário;

Art. 15 O aluno que não entregar o TCC nos prazos determinados ou que não se apresentar para a defesa oral sem justificativa na forma da legislação em vigor, estará automaticamente reprovado;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art. 17 O aluno que entregar um Trabalho de Conclusão de Curso comprovadamente plagiado será advertido pelo orientador e terá nova oportunidade de redação, segundo recomendação do parágrafo 2, alínea i, artigo 9º, Capítulo IV; Parágrafo único: será considerado plágio o uso indevido de trechos textuais sem as devidas referências bibliográficas.

Art. 18 Compete aos professores do Conselho do Departamento do Curso analisarem prováveis recursos das avaliações finais;

Art. 19 Não há recuperação da nota final atribuída ao TCC em banca. Como tal, a aprovação e reprovação é definitiva;

Art. 20 Se reprovado, fica a critério do aluno continuar ou não com o mesmo tema e com o mesmo orientador;

Parágrafo Único: Em caso de mudança de tema e/ou orientador, o acadêmico deve reiniciar o processo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso desde a elaboração do projeto até a sua versão definitiva, assim como efetuar nova matrícula.

Art. 21 Ao aluno cujo TCC tenha sido reprovado é vedada a defesa de novo TCC, qualquer que seja a alegação, no semestre da reprovação.

CAPÍTULO VI - DA BANCA EXAMINADORA

Art. 22 O Trabalho de Conclusão de Curso é apresentado pelo acadêmico perante banca examinadora composta pelo professor orientador (presidente da mesa) e por dois outros professores da UNIR ou de outra Instituição de Ensino Superior.

Parágrafo Único. A escolha das bancas examinadoras fica sob a responsabilidade do professor orientador, de acordo com área de afinidade dos temas.

Art. 23. A banca examinadora somente poderá executar os seus trabalhos com três membros presentes, sendo um deles o professor orientador, devendo ter um membro suplente.

§ 1º. O não comparecimento de algum dos membros (inclusive suplente) da banca examinadora deverá ser comunicado, por escrito, ao Coordenador do TCC, e nova data para apresentação deverá ser marcada, sem prejuízo do cumprimento da determinação deste parágrafo.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



§ 2º. O co-orientador tem sua permanência em banca permitida, mas lhe é vedada sua participação na nota.

CAPÍTULO VII - DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Art. 25. As sessões de apresentação são públicas.

Art. 26. A Coordenação de TCC deve elaborar o calendário semestral fixando prazos para a entrega dos Projetos Finais e dos Trabalhos de Conclusão de Curso, designação das bancas examinadoras, horários e locais para as suas apresentações.

Art. 27. Os membros das bancas examinadoras, a contar da data de sua designação, têm o prazo de 30 (trinta) dias para procederem à leitura dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

Art. 28. Na apresentação, o acadêmico tem até 20 (vinte) minutos para exposição do seu trabalho. Cada componente da banca contará com 10 (dez) minutos para fazer a sua arguição, e o acadêmico disporá de 5 (cinco) minutos para responder a cada um dos examinadores.

Art. 29. Ao término da data limite para a entrega das cópias dos Trabalhos de Conclusão de Curso, a Coordenação de TCC deve divulgar a composição das bancas examinadoras, os horários e os locais destinados às suas apresentações.

Art. 30. A atribuição das notas dar-se-á após o encerramento das arguições;

Art. 31. A banca examinadora pode solicitar ao acadêmico que reformule aspectos de seu Trabalho de Conclusão de Curso, após a apresentação.

§ 1º. O professor orientador será responsável pelo acompanhamento das reformulações solicitadas pela banca do Trabalho de Conclusão de Curso.

§ 2º. O prazo para apresentação das alterações sugeridas, caso acatadas pelo professor orientador é de, no máximo, 30 (trinta) dias contados a partir da data de defesa, devendo solicitá-las ao acadêmico e apresentar uma nova versão à Coordenação de TCC, sem necessidade de nova defesa.

Art. 32. As atas apenas aos Trabalhos de Conclusão de Cursos devem ser assinadas por todos os membros da banca examinadora.

CAPÍTULO VIII - DA ENTREGA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art. 33. O Trabalho de Conclusão de Curso deve ser encaminhado à Coordenação de TCC para os trâmites necessários à sua avaliação:

- a) Em 3 (três) cópias encadernadas;
- b) Com estrutura e *layout* determinado pela Coordenação de TCC e atendendo às determinações essenciais da ABNT;
- c) No prazo de até 30 (trinta) dias antes da defesa, para distribuição e leitura pelas bancas examinadoras;

Parágrafo único: Caso não haja a entrega do TCC dentro do prazo estipulado e divulgado previamente, o acadêmico será considerado reprovado nesta etapa, devendo reiniciar o processo de acordo com os trâmites deste regimento;

Art. 35 Após a aprovação pela Banca Examinadora, o acadêmico terá 10 (dez) dias úteis, contados a partir do dia posterior, para entrega da versão definitiva;

Parágrafo único: A entrega da versão definitiva do TCC é requisito para a colação de grau.

CAPÍTULO IX - DAS DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 36 O presente Regulamento tem por finalidade normatizar as atividades relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso, indispensável para a colação de grau.

Art. 37 O Trabalho de Conclusão de Curso consiste em pesquisa orientada individual, em qualquer área do conhecimento determinada pelo Conselho do Departamento do Curso.

Art. 38 Compete ao Conselho do curso dirimir dúvidas referentes à interpretação deste Regulamento e suprir as lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

Art. 39 Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelo Coordenador de Trabalho de Conclusão de Curso, em primeira instância e pelo Conselho do Departamento do Curso em última instância.

Art. 40 O Trabalho de Conclusão de Curso reger-se-á pelo presente regulamento.

Art. 41 Este regulamento entra em vigor após aprovação pelos órgãos competentes na estrutura da UNIR.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



j) Regulamento Específico de Estágios - Resolução CNE/CP Nº2/2002

O Estágio Supervisionado é componente curricular de caráter obrigatório. Esta atividade é apontada pelas Diretrizes Curriculares como fundamental, pois proporciona ao aluno os conhecimentos e a experiência imprescindíveis para seu futuro exercício profissional de maneira adequada.

Constituem requisitos fundamentais para o sucesso do estágio a pertinência de seu conteúdo com o conteúdo do curso e o trabalho de orientação do professor, especificamente designado para tal acompanhamento. Seu contato com o aluno durante todas as fases do estágio permite um real direcionamento das atividades realizadas e a eventual introdução de medidas corretivas para alcance dos objetivos inicialmente propostos. Deve-se reforçar que a aprovação no Estágio depende da boa realização de todas as atividades planejadas pelo professor supervisor.

REGIMENTO DE ESTÁGIOS CURRICULARES DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS, grau licenciatura.

CAPÍTULO I - DIRETRIZES E PRINCÍPIOS

Art. 1º Os estágios curriculares do Curso de Letras/LIBRAS têm por princípio oferecer ao estagiário situações de ensino aprendizagem que possibilitem a formação de atitudes, a aplicação de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades necessárias à prática educativa.

CAPÍTULO II - OBJETIVOS

Art. 2º Os estágios curriculares do Curso de Letras/LIBRAS têm como objetivos:

- I propiciar ao estagiário oportunidades de vivenciar a realidade educacional nos campos de estágio;
- II planejar o processo ensino-aprendizagem;
- III executar o planejamento;
- IV avaliar o processo ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO III - ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E DIDÁTICA - CARGA HORÁRIA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art. 3º A distribuição da carga horária obrigatória dos estágios supervisionados deve estar de acordo com a matriz curricular do curso e em conformidade com a Resolução 02/CNE/CP, de 19 de fevereiro de 2002, totalizando 400 horas.

§ 1º – No mínimo 50% da carga horária de estágio deve ser cumprida em atividades de observação, participação e direção de aulas.

§ 2º - Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas.

CAPÍTULO IV - CAMPOS DE ESTÁGIO

Art. 4º Constituem Campo de Estágio: escolas públicas, privadas e comunitárias; instituições de ensino e/ou pesquisa, as próprias Unidades da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e a comunidade em geral, desde que apresentem as condições necessárias para a realização do estágio.

CAPÍTULO V - ATIVIDADES DE ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Art. 5º Consideram-se atividades próprias de estágios: a observação de escola, de aulas, participação em aula, direção de classe, atividades extraclasse, relatórios, trabalhos de pesquisa e participação em projetos pedagógicos.

§ 1º Entende-se por observação de escola as atividades nas quais o estagiário toma conhecimento da estrutura, funcionamento e recursos, bem como da clientela da escola na qual irá estagiar.

§ 2º Entende-se por observação de aula as atividades nas quais o estagiário presencia a atuação didático-pedagógica do professor regente.

§ 3º Entende-se por participação em aulas as atividades nas quais o estagiário atua juntamente com o professor regente, em trabalhos de sala de aula como:

I exposição de assuntos à classe;

II estudos dirigidos;

III orientação de grupos de estudos;

IV direção ou participação em discussões, debates, pesquisa;

V aplicação de testes, exercícios, provas;

VI outras atividades autorizadas pelo professor regente.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



§ 4º Entende-se por direção de aula a atividade em que o estagiário ministra aulas em cursos regulares das escolas públicas, particulares ou comunitárias, em minicursos ou cursos ofertados para a comunidade ou em projetos de extensão.

§ 5º Entende-se por atividades extraclasse:

I planejamento geral do estagiário e da direção da classe;

II elaboração de avaliação;

III verificação e correção de trabalhos;

IV confecção de material didático;

V planejamento e direção de visitas; excursões, concursos, festivais, exposições, maratonas, clubes, jornais, jograis e outras atividades autorizadas pelo supervisor de estágio;

VI atividades de interação com os próprios colegas sob a orientação do professor supervisor.

§ 6º Entende-se por relatório a descrição e análise de todas as atividades desenvolvidas pelo aluno-estagiário, devidamente comprovadas.

§ 7º Entende-se por trabalhos de pesquisa os estudos reflexivos que procuram relacionar a prática do estágio ao embasamento teórico.

§ 8º Entende-se por participação em projetos o desenvolvimento de atividades nas quais o estagiário possa vivenciar a realidade educacional.

Art.6º Qualquer atividade só será computada como hora de estágio realizado, se previamente autorizada pelos professores orientadores de estágio, de acordo com o Coordenador de estágio.

CAPÍTULO VI - FORMAS DE SUPERVISÃO

Art.7º A supervisão de estágio pode ser desenvolvida pelos professores orientadores através das seguintes modalidades:

I Supervisão Direta: orientação do estagiário através de observação contínua e direta das atividades desenvolvidas nos campos de estágio ao longo de todo o processo, podendo se complementar com entrevistas, reuniões e seminários.

I Supervisão Semidireta: orientação e acompanhamento do estagiário por meio de visitas sistemáticas ao campo de estágio.

CAPÍTULO VII - ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art.8º Compete ao Coordenador de estágios:

- I Compatibilizar a política, a organização e o desenvolvimento dos estágios supervisionados do curso de Letras-LIBRAS.
- II Coordenar o planejamento, a execução e a avaliação das atividades pertinentes aos estágios, em conjunto com os professores orientadores;
- III Coordenar a elaboração de normas e critérios específicos para a realização das atividades de instrumentalização prática e/ou de estágios;
- IV Entrar em contato com as instituições ou empresas ofertantes de estágios, para análise das condições dos campos, tendo em vista a celebração de convênios e assinatura de termo de compromisso;
- V Articular-se com o Núcleo de Ciências Humanas para a celebração dos convênios com instituições ou empresas ofertantes de estágios;
- VI Orientar os alunos na escolha da área e/ou campos de estágios;
- VII Organizar, a cada período de estágio, o encaminhamento de estagiários e a distribuição das turmas em conjunto com os professores orientadores;
- VIII Criar mecanismos operacionais que facilitem a condução dos estagiários com segurança e aproveitamento;
- IX Organizar e manter organizado um sistema de documentação e cadastramento dos diferentes tipos de estágio, campos envolvidos e números de estagiários de cada período de estágio;
- X Encaminhar à Chefia de Departamento após os trâmites de regularização, o campo de atuação com os respectivos supervisores de todos os alunos matriculados nos estágios curriculares;
- XI Realizar reuniões regulares com os professores orientadores de estágio e os técnicos supervisores das instituições-campos de estágio para discussão de questões relativas a planejamento, organização, funcionamento, avaliação e controle das atividades de estágio e análise de critérios, métodos e instrumentos necessários a seu desenvolvimento;
- XII Realizar e divulgar a cada período de estágio, junto com os orientadores, um estudo avaliativo a partir da análise do desenvolvimento e resultado do estágio visando avaliar sua dinâmica e validade em função da formação profissional, envolvendo aspectos curriculares;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



XIII Encaminhar para a Diretoria de Gestão de Pessoas mensalmente lista dos estagiários para efetivação do seguro.

CAPÍTULO VIII - ATRIBUIÇÕES DO ORIENTADOR DE ESTÁGIO

Art. 9º Compete ao professor orientador de estágio:

- I Orientar o estagiário sobre os mecanismos das atividades de estágio;
- II Acompanhar o desenvolvimento do estágio;
- III Discutir com o estagiário o seu desempenho;
- IV Avaliar o estagiário quanto ao seu desempenho em sala de aula, planejamento de atividades e relatório dessas atividades;
- V Avaliar o desempenho do estagiário através de registros, observações e acompanhamento.

CAPÍTULO IX - ATRIBUIÇÕES DO ESTAGIÁRIO

Art. 10º Compete ao estagiário:

- I Realizar todas as atividades de estágios previstos no curso;
- II Informar-se, junto ao seu professor orientador, de todas as atividades a serem desenvolvidas para o cumprimento integral do estágio;
- III Entregar ao coordenador geral de estágios o termo de compromisso com as devidas assinaturas do aluno e do responsável pelo campo de estágio;
- IV Elaborar e desenvolver projeto(s) de estágio(s) destinado(s) ao cumprimento dos Estágios Supervisionados;
- V Apresentar o planejamento de conteúdo e das atividades didáticas, com antecedência, ao professor supervisor de estágio, para análise e acompanhamento;
- VI Registrar todas as atividades de estágio;
- VII Entregar relatório final ao professor orientador, em data fixada, contendo análise reflexiva da(s) atividade(s) desenvolvida(s) nos projetos de estágio, podendo conter, como anexos: planos de atividades propostas, modelos de materiais didáticos utilizados, estratégias, avaliação e observações gerais.

CAPÍTULO X - CRITÉRIOS E METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Art. 11º São passíveis de avaliação todas as atividades descritas no capítulo III.

Parágrafo único – A nota para aprovação no(s) estágio(s) segue os critérios gerais da UNIR.

CAPÍTULO XI - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 12º São atribuições do Departamento:

- I Buscar condições para a adequada realização do estágio;
- II Designar o Coordenador de estágio e seu suplente;
- III Estabelecer critérios de relação entre o número de estagiários e regime de trabalho dos professores orientadores;
- IV Providenciar a confecção e distribuição de matérias pertinentes aos estágios, tais como fichas e regulamentação;

Art. 13º Todos os casos omissos neste documento serão resolvidos de comum acordo pelos professores das Disciplinas pedagógicas, professores orientadores e Coordenador de estágio e, em instância imediatamente superior, pelo Conselho Departamental.

I) Descrição Sobre a Articulação Entre a Teoria e a Prática, Entre Ensino Pesquisa e Extensão.

A articulação entre a teoria e a prática, o ensino, a pesquisa e a extensão acontecem na matriz curricular do curso de Letras/LIBRAS, observando-se: a) distribuição da carga horária em algumas disciplinas do semestre com um quantitativo de horas práticas que devem ser utilizadas para o contato com a sala de aula nas escolas, para pesquisas voltadas para a educação em Letras – língua de sinais; b) projetos de extensão oferecidos pelos professores do departamento de Línguas Vernáculas; c) projetos aprovados pelos programas: PIBID, PIBEX, PROEXT e PIBIC.

2.8. Representação gráfica de um perfil de formação.

CURSO: 1) Letras – LIBRAS. 2) **GRAU:** Licenciatura 3) **PRAZOS:** a) Regulamentar: 04 anos 4) **DISCIPLINAS POR SEMESTRE:** a) Regulamentar: 05 b) Mínimo: 01 c) Máximo: sem limitações 5) **CARGA HORÁRIA:** a) TOTAL: 2.880 b) Obrigatória:

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

2.040 c) Eletivas: 240 **d)** CH Estágio Supervisionado: 400h/a; e) Atividades Acadêmico Científico-Culturais - AACC: 200h.

-

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA 

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
LÍNGUA PORTUGUESA	FONÉTICA E FONOLOGIA	MORFOLOGIA	SINTAXE	Escrita de Sinais II	SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	ELETIVA VI
TEORIA LINGUÍSTICA 1	TEORIA LINGUÍSTICA 2	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 1	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 2	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 3	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 4	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 5	EDUCAÇÃO DE SURDOS E NOVAS TECNOLOGIAS
METODOLOGIA DA PESQUISA	INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS	ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	ESCRITA DE SINAIS 1	LITERATURA SURDA	METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	ELETIVA V	TCC – PRODUÇÃO E DEFESA
FILOSOFIA	METODOLOGIA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2	PSICOLOGIA EDUCACIONAL	DIDÁTICA E EDUCAÇÃO DE SURDOS	EDUCAÇÃO BILÍNGUE	ESTÁGIO SUPERV. OBS. ENSINO MÉDIO	TCC – ELABORAÇÃO DE PROJETO	ESTÁGIO SUPERV. REGÊNCIA L2 NO ENS. MÉDIO
SOCIOLOGIA	ELETIVA I	LEGISLAÇÃO E GESTÃO EDUCACIONAL	Linguística Aplicada ao Ensino da LIBRAS	ESTÁGIO SUP. OBS. ENS. FUNDAMENTAL II	ELETIVA IV	ESTÁGIO SUPERV. REGÊNCIA L1 NO ENS. FUNDAMENTAL II	
		ELETIVA II	ELETIVA III				

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



2.9. Avaliação e metodologias de ensino

2.9.1 Avaliação institucional:

A UNIR possui a Comissão Própria de Avaliação (CPA) que acompanha o processo de autoavaliação dos cursos, além de apresentar junto com os departamentos relatórios periódicos de protocolo de compromisso, quando houver.

Os membros do NDE realizam a avaliação do projeto do curso anualmente e fazem uso dos seguintes procedimentos: questionários, reuniões semestrais com representantes de turma, média de avaliação de cada turma, relatórios de estágio, resultados do ENADE, etc.

O acompanhamento dos egressos do curso será realizado através de questionários e entrevistas bem como de pesquisas de observação em sala de aula para aqueles que já estiverem no exercício da docência. Buscar-se-á integrar os egressos nos projetos de extensão e de pesquisa deste departamento e dos grupos de pesquisa ligados a ele. Ainda, poderão ser realizadas reuniões periódicas para acompanhamento da prática pedagógica dos formandos no período de realização do Seminário Repensando a Prática de Ensino dos Cursos de Letras/LIBRAS, momento em que acontece a socialização dos projetos de estágio desenvolvidos pelos acadêmicos do curso.

2.9.2. Avaliação do processo de ensino aprendizagem:

A avaliação é um processo sistemático de coleta e análise de dados e informações para tomada de decisão em função dos objetivos, dos critérios de qualidade e dos resultados esperados por todos que compõem as atividades do Curso de Letras-LIBRAS.

A avaliação, em primeiro lugar, é funcional porque se realiza em função dos objetivos propostos a partir de critérios pré-estabelecidos, sendo uma afirmação qualitativa sobre o Curso de Letras-LIBRAS. Em segundo lugar, ela deve estar pautada nos caracteres relevantes da realidade, ou seja, apesar de ser uma afirmação qualitativa, não deve ser totalmente subjetiva; é necessário que se desenvolvam critérios objetivos para registrar os “sinais” do curso, permitindo assim a formação de um juízo de valor sobre o que está sendo avaliado. Em terceiro lugar, a avaliação deve conduzir a uma tomada de decisão nem estanque e nem pontual.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

Essa decisão deve ser um encaminhamento processual, para que seja possível a melhoria qualitativa da realidade avaliada do curso.

A avaliação do curso integra o processo cíclico do planejamento-avaliação-melhoria, tendo em vista contribuir para a formação geral e profissional, preparando os alunos do curso, para a convivência e para a participação na sociedade.

A legislação em vigor na Universidade Federal de Rondônia sobre avaliação discente é a resolução 251/CONSEPE, de 27 de novembro de 1997 a qual que:

Art. 1º- No início de cada período letivo, o docente deverá encaminhar o plano de curso com as formas e os critérios de avaliação, inclusive as avaliações repositivas, à Coordenação para homologação do Colegiado de Curso conforme Calendário Acadêmico.

§ único - O docente deverá informar aos discentes as formas e os critérios de avaliação de sua disciplina aprovados pelo respectivos Colegiados

Art. 2º - As avaliações realizadas deverão retornar aos discentes, após analisadas e comentadas pelos professores, a fim de refletirem sobre seu desempenho.

Art. 3º - Para verificação do rendimento considerar-se-á:

a) uma só nota, no período semestral; resultante da média aritmética das notas das avaliações aplicadas;

b) nota expressa de 0 (zero) a 100 (cem), em números inteiros.

Art. 4º - Será considerado aprovado o discente que obtiver aproveitamento igual ou superior a 60(sessenta).

Art. 5º - O discente que obtiver média final inferior a 60(sessenta) terá direito a uma avaliação repositiva.

§ 1º - A avaliação repositiva será expressa em números inteiros com valor de 0 (zero) a 100 (cem), substituindo a menor nota obtida durante o período letivo.

§ 2º - Considerar-se-á aprovado, após a avaliação repositiva, o discente que obtiver média igual ou superior a 60 (sessenta).

§ 3º - O não comparecimento à alguma avaliação no decorrer do semestre implica em não obtenção da nota na mesma, impossibilitando o caráter de reposição por meio da nota obtida na avaliação repositiva.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA



§ 4º - O dia e a hora da avaliação repositiva será marcada pelo docente e comunicadas ao Coordenador de Curso.

Art. 6º - A frequência mínima para aprovação quanto à assiduidade é de 75% da carga horária da disciplina, conforme estabelecido por Lei.

Art. 7º - Será concedida segunda chamada para os discentes que faltarem à avaliação, nos casos amparados por lei ou por força maior, aprovado pelo Colegiado de Curso.

2.9.3 Critérios de Avaliação e Requisitos para a Conclusão do Curso

Para concluir a graduação é necessário que, ao longo do curso, o aluno tenha obtido aproveitamento e frequência mínimos estabelecidos pela legislação em vigor em cada disciplina. Deve, ainda, ter cumprido integralmente e com aproveitamento a carga horária do Estágio Curricular, assim como ter desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso e cumprir as horas destinadas às Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC). Estes temas: Estágio Curricular, Trabalho de Conclusão de Curso e Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, além do Centro de Estudos da Linguagem, são dotados de um regimento especial que os definem, publicada a sua atualização separadamente.

Os alunos são avaliados com base no aproveitamento mínimo de sessenta por cento (60%) e frequência mínima de setenta e cinco por cento (75%) em cada disciplina, conforme estabelece a legislação em vigor. Na avaliação do aproveitamento podem ser utilizados diversos instrumentos, como provas, trabalhos individuais ou em grupos, exercícios, cases e intervenções críticas fundamentadas no decurso das aulas, dentre outros.

Ressalte-se que os critérios de avaliação poderão ser ampliados de acordo com a característica específica de cada disciplina, completando os instrumentos já descritos com outros que lhes sejam próprios. Nesses casos, o professor deve apresentar aos acadêmicos todas as informações pertinentes ao modo como será avaliado na disciplina específica, ficando o devido registro no plano de curso entregue no primeiro dia de aula.

Enfim, em termos de avaliação entende-se a necessidade de ela se constituir em processo contínuo, de valor cumulativo e constante e que reflita a interação entre docentes e alunos.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



O processo de ensino-aprendizagem deve estar centrado nos pilares máximos da educação:

- Aprender a conhecer;
- Aprender a fazer;
- Aprender a viver em conjunto;
- Aprender a ser.

Assim, entende-se que o aluno deve ser pró-ativo, capaz de buscar e administrar os estímulos e não apenas agir como um respondedor da estimulação do ambiente. Concomitantemente, considera-se que o papel do professor é o de mediador do desenvolvimento das competências e habilidades do acadêmico.

2.9.4 Adequação da Metodologia de Ensino à Concepção do Curso.

Para o pleno alcance dos objetivos deste curso e para que o egresso tenha desenvolvidas as competências e habilidades que o aproximam do perfil definido para o curso de Letras – LIBRAS, estão previstas as seguintes metodologias de ensino, além das aulas teóricas e práticas, dentre outras que poderão ser adotadas:

- Uso das novas tecnologias da informação e comunicação;
- Intercâmbio de experiências, considerando as vivências dos alunos e seus contatos com culturas diversificadas;
- Estudo de textos, cujos autores apresentem reflexões críticas e até polêmicas para que os alunos formem posicionamentos críticos e não estritamente dogmáticos sobre temas como ensino de LIBRAS e português, modalidade padrão e variações linguísticas;
- Realização de pesquisa-ação pelo aluno-professor como atividades complementares do curso de Letras-LIBRAS, para que ele observe, analise e intervenha em situações ou ambientes de comunicação;
- Apresentação de hipóteses ou conclusões, em seminários e/ou debates sobre a aplicação da língua como instrumento de poder;
- Avaliação do ensino da língua materna e da LIBRAS nas escolas conveniadas para a realização dos estágios supervisionados, observando seus objetivos, e tomando como objeto de estudo a aprendizagem sistematizada;
- Mesas redondas para estudos de casos;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- Registros de observações durante a realização de qualquer atividade, através de relatórios, gravações, filmagens e outros.

3. ESTRUTURA ADMINISTRATIVA E ACADÊMICA DO CURSO

3.1. GESTÃO ADMINISTRATIVA E ACADÊMICA DO CURSO.

a) Dados atualizados do Chefe e Vice-Chefe de Departamento do curso.

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS: Marília Lima Pimentel				
CPF	TITULAÇÃO	FORMAÇÃO	PERFIL	ATUAÇÃO
312210502-06	Doutora em Linguística e Língua Portuguesa	Graduação em Letras/Português Especialização em Linguística e Língua Portuguesa Mestrado em Teoria da Literatura e Doutora em Linguística e Língua Portuguesa	Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária e pesquisadora na área de Leitura, Semiótica e Análise do Discurso	Professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária e pesquisadora na área de Leitura, Semiótica e Análise do Discurso
VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS: Élcio Aloisio Fragoso				
CPF	TITULAÇÃO	FORMAÇÃO	PERFIL	ATUAÇÃO
760824159-49	Doutor em Linguística	Graduação em Letras (Português/Inglês) e em Pedagogia, Especialização em Língua Portuguesa, Mestrado em Linguística (Análise de Discurso) e Doutorado em Linguística (Análise de Discurso)	Professor de disciplinas relacionadas à Teoria Linguística. Pesquisador na área de Linguística, História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso.	Professor e Pesquisador na área de Linguística, História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso.

b) Composição do Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante será constituído por 5 (cinco) membros do corpo docente efetivo do curso de Letras-LIBRAS, nos termos da Portaria nº 147 de 02 de fevereiro de 2007, reafirmado pelo Parecer CONAES 04/2010, da RESOLUÇÃO CONAES Nº 01/2010 e da Resolução nº 285/CONSEA, de 21 de setembro de 2012.

O NDE atuará de forma consultiva, propositiva e de assessoria sobre matéria de natureza acadêmica, corresponsável pela implementação, autoavaliação, reformulação e consolidação do projeto pedagógico de curso. Assim, são atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

I - contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

II - zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III - indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;

IV - zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

3.2 Recursos humanos

3.2.1. Corpo docente do Departamento de Línguas Vernáculas que, além de atenderem ao Curso de Letras/Português, atenderão ao Curso de Letras-LIBRAS

N.º	NOME	FORMAÇÃO (Graduação)	FORMAÇÃO Mestrado (AC ¹),	FORMAÇÃO Doutorado (AC ²)
1	Agripino José Freire da Fonsêca	Letras	Linguística (Lexicologia)	Cursando Doutorado em Terminologia
2	Amarildo João Espindola	Letras LIBRAS	-	-
3	Ariana Boaventura Pereira	História	-	-
4	Élcio Aloisio Fragoso	Letras (Português/Inglês)	Linguística (Análise de Discurso)	Linguística (Análise de Discurso)
5	Índira Simionatto Stedile	Sistema da Informação	-	-
6	Maria do Socorro Dias Loura	Letras	Linguística (Sociolinguística)	Educação Escolar (Educação de Jovens e Adultos)
7	Marília de Lima Pimentel	Letras	Teoria Literária (Teoria da narrativa)	Linguística e Língua Portuguesa (análise do discurso/semiótica)
8	Nair Ferreira Gurgel do Amaral	Letras	Linguística (Análise do Discurso)	Linguística (Análise do Discurso)
9	Pamella Elaine Prestes da Cunha	Letras LIBRAS	-	-
10	Sonia Maria Gomes Sampaio	Letras	Educação	Educação (Gestão e Políticas Públicas)
11	Valdir Vegini	Letras; Pedagogia; Filosofia	Letras/Linguística (Fonética e Fonologia)	Letras/Linguística (Fonética e Fonologia – especialidade em línguas indígenas)

Informações sobre todos os docentes do Curso

Nome completo	CPF	E-mail	Telefone	Titulação máxima	Função – Docente / Tutor	Regime de trabalho (integral – DE ou T40) (parcial – T20)	Vínculo empregatício: Estatutário, CLT, substituto, temporário, Outros
Amarildo João Espindola	031.866.419-42	amarildoespindola@unir.br	(61) 9265-7967	Especialização	Docente	Integral - DE	Estatutário
Ariana Boaventura Pereira	599.549.222-53	arianaboaventura@unir.br	(69) 9377-0317	Especialização	Docente	Integral - DE	Estatutário
Cynthia de Cássia. Santos Barra	488.060.305-82	cynthiacsbarra@gmail.com	(69) 8117-1962	Doutora	Docente	Integral - DE	Estatutário

1

Área de Concentração

2

Área de Concentração

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Élcio Aloisio Fragoso	760.824.159-49	elciofragoso@unir.br	(69) 9981-6121	Doutor	Docente	Integral - DE	Estatutário
Indira Simionatto Stedile	045.038.024-61	indirastedile@unir.br	(69) 9954-8883	Especialização	Docente	Integral - DE	Estatutário
Maria do Socorro Dias Loura	158.804.863-20	mariadosocorrodias@ig.com.br	(69) 3215-5890	Doutora	Docente	Integral - DE	Estatutário
Marília Lima Pimentel	312.210.502-06	mpimentel9@gmail.com	(69) 8125-2839	Doutora	Docente	Integral - DE	Estatutário
Nair Ferreira Gurgel do Amaral	283.539.272-68	nairgurgel@uol.com.br	(69) 3221-3336 (69) 9981-8660	Doutora	Docente	Integral - DE	Estatutário
Pamella Elaine Prestes da Cunha	767.729.852-49	pamella@unir.br	(69) 8411-8868	Especialização	Docente	Integral - DE	Estatutário
Sonia Maria Gomes Sampaio	220.510.152-87	soniagsampaio@superig.com.br	(69) 9986-1265 (69) 8129-2612	Doutora	Docente	Integral - DE	Estatutário
Valdir Vegini	076.626.109-34	vvegini@gmail.com	(69) 8462-5912 (69) 9343-1031	Doutor	Docente	Integral - DE	Estatutário

Nome completo	SIAPE	Depto. origem	Disciplina que ministra no Curso	Experiência Profissional, excluída as atividades de magistério. (anos)	Experiência a no exercício da docência na educação básica. (anos)	Experiência de magistério superior (anos)	Link Currículo Lattes
Amarildo João Espindola	2124203	Línguas Vernáculas	LIBRAS	2 anos	5 anos	9 anos	http://lattes.cnpq.br/8242690285468994
Ariana Boaventura Pereira	2043802	Línguas Vernáculas	LIBRAS	1 ano	8 anos	3 anos	http://lattes.cnpq.br/0997260442075067
Élcio Aloisio Fragoso	2078668	Línguas Vernáculas	Introdução à Linguística	5 anos	19 anos	8 anos	http://lattes.cnpq.br/0480649113661832
Indira Simionatto Stedile	2123881	Línguas Vernáculas	LIBRAS	1 ano	2 anos	2 anos	
Marília Lima Lima Pimentel	2282445	Línguas Vernáculas	Literatura Brasileira II Lit. Infante-Juvenil Teoria Literária II	1 ano	11 anos	15 anos	http://lattes.cnpq.br/2889057943194849
Nair Ferreira Gurgel do Amara	0396791	Línguas Vernáculas	Linguística Geral Linguística Aplicada	5 anos	2 anos	22 anos	http://lattes.cnpq.br/3810875108644681
Pamella Elaine Prestes da Cur	2124468	Línguas Vernáculas	LIBRAS	5 meses	10 anos	2 anos	http://lattes.cnpq.br/7359009019139369
Sonia Maria Gomes Sampaio	0396922	Línguas Vernáculas	Mito e Narrativa Prática de Ensino de Lite	3 anos	10 anos	18 anos	http://lattes.cnpq.br/9662009738910770
Valdir Vegini	01632869	Línguas	Sintaxe Língua Portuguesa	12 anos	27 anos	22 anos	http://lattes.cnpq.br/8658557058095221

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

		Vernáculos	Fonética e Fonologia da Portuguesa				
--	--	------------	------------------------------------	--	--	--	--

Quadro de necessidade de contratação docente

Para atender as especificidades das disciplinas do curso de Letras-LIBRAS é necessário a contratação de 08 docentes (oito), conforme quadro abaixo:

Docentes por disciplinas

disciplina	Carga horária
Metodologia de Língua Portuguesa como L2	80
Língua Brasileira de Sinais 1	80
Língua Brasileira de Sinais 2	80
Linguística Aplicada ao Ensino da LIBRAS	80
Escrita de Sinais I	60
Escrita Sinais II	40
Língua Brasileira de Sinais 3	80
Literatura Surda	60
Educação Bilíngue	40
Língua Brasileira de Sinais 4	80
Metodologia de Ensino da Literatura Surda	60
Estágio Supervisionado: Regência em Língua Brasileira de Sinais no Ensino Fundamental II	100
Língua Brasileira de Sinais 5	80

3.2.2. Corpo discente:

O corpo discente se comporá de pessoas que concluíram o ensino médio que tenham interesse na formação em Letras-LIBRAS.

Em relação ao apoio estudantil, a Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis – PROCEA desenvolve projetos com o objetivo de promover o acesso e permanência dos alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica na Universidade, a partir de políticas acadêmicas que possibilitem a estes alunos sucesso e qualidade em sua graduação e fomentar políticas de Ações Afirmativas com o intuito de integração e “*inclusão*” de grupos excluídos por razões sociais e econômicas, garantindo a eles acesso a Educação Superior.

Quanto à extensão e a cultura a PROCEA desenvolve alguns políticas, quais sejam: Prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da população; associação de processo educativo com as ações culturais e científicas aplicadas à realidade encontrada; permite socializar o conhecimento e promover o “diálogo” entre o saber científico e o saber popular na busca de uma sociedade que traga mais dignidade e solidariedade à vida das pessoas.

O estudante matriculado no curso deve construir e manter uma postura autônoma, independente, que seja agente ativo em seu processo de aprendizagem; aprender a trabalhar em grupo e a desenvolver o espírito de colaboração; manter interações ativas, envolvendo tanto o conteúdo do curso quanto a comunicação pessoal; participar plenamente na construção de uma aprendizagem colaborativa, construir significados socialmente, evidenciados pelo acordo ou pelo questionamento; compartilhar recursos com outros alunos; expressar apoio e estímulo trocados com outros alunos, além de vontade de avaliar criticamente o trabalho dos colegas.

3.2.3. Técnicos Administrativos:

TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS		
NOME	LOTAÇÃO	FORMAÇÃO
Francisca Brandão	Centro de Estudos Linguísticos	-

Quadro de necessidades – técnicos administrativos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Para atender ao Curso de Letras-LIBRAS é necessário a contratação de 08 (oito) técnicos, conforme quadro abaixo:

Quantidade	Cargo/função
03	Tradutor e intérprete da LIBRAS
01	Programador visual
02	Técnico em informática
01	Bibliotecário-documentalista
01	Assistente Administrativo

3.2.4. Atendimento a Outros Cursos de Graduação

Os professores em exercício, além de suas atividades docentes no curso de Letras – LIBRAS, deverão atender aos seguintes cursos de graduação, no *campus* de Porto Velho.

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS OFERECIDAS PELOS PROFESSORES DO CURSO DE LETRAS/LIBRAS EM OUTROS CURSOS DE LICENCIATURA

CURSO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	TURNO	N.º ALUNOS
Ciências biológicas	LIBRAS	60	Matutino	50
Teatro	LIBRAS	60	Matutino	20
Artes visuais	LIBRAS	60	Matutino	20
Música	LIBRAS	60	Matutino	20
Física	LIBRAS	60	Noturno	40
Letras Inglês	LIBRAS	60	Vespertino	25
Letras Espanhol	LIBRAS	60	Vespertino	25

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DE RONDÔNIA 

Educação Física	LIBRAS	60	Matutino	45
Ciências Sociais	LIBRAS	60	Noturno	45
Filosofia	LIBRAS	60	Noturno	50
Informática	LIBRAS	60	Matutino	45
Geografia	LIBRAS	60	Vespertino	25
Matemática	LIBRAS	60	Matutino	45
História	LIBRAS	60	Vespertino	50
Psicologia	LIBRAS	60	Integral	40
Química	LIBRAS	60	Matutino	50
Letras-Português	LIBRAS	60	Vespertino	50
Pedagogia	LIBRAS	60	Matutino	50
18 cursos	18 disciplinas	780		745



Atendimento de Turmas/Ano: Serão atendidas, semestralmente, 04 turmas no curso de Letras – LIBRAS – e mais 18 (dezoito) turmas, semestralmente, em outros cursos de graduação da instituição, perfazendo um total de 22 (vinte e duas) turmas atendidas pelos docentes do Departamento. Vejamos o cálculo:

04 turmas do curso de Letras/LIBRAS ano + 18 turmas em outros cursos = 22 turmas = 865 alunos dividido por 11 professores = 78 > relação professor/aluno.

Relação Professor/Aluno = 78

Outras Funções desenvolvidas pelos professores

São atendidos, ainda, pelos professores do Departamento:

-  Programas de formação de professores municipais e estaduais em vários municípios do Estado.
-  Cursos de outros *campi* da UNIR;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- Cursos de Letras na modalidade a distância em polos da UAB e pela Plataforma Freire;
- Colaboração com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação em cursos de capacitação de docentes e funcionários;
- Projetos de pesquisa;
- Projetos de extensão.

3.2.5. Perfil dos Recursos Humanos

O curso de Letras-LIBRAS: Licenciatura da UNIR, na modalidade presencial, possui estrutura administrativo-pedagógica vinculada à estrutura organizacional do departamento de Línguas Vernáculas:

Coordenador de Curso: a coordenação do curso será formada pelo coordenador e pelo seu vice. Trata-se de profissional graduado em Letras ou áreas afins, com formação mínima de mestre, com experiência comprovada de 03 (três) anos de magistério superior, responsável pelas articulações em setores específicos e que transitará pelos diversos tipos de atividades no sistema geral.

Funções: dentre as suas funções estão a de supervisionar o funcionamento do curso e de todo processo educacional, permitindo o bom andamento do processo pedagógico; acompanhar os aspectos formais e administrativos do curso, como matrícula, calendário de atividades, acompanhamento de oferta das disciplinas.

Professor: professor do curso com formação específica na área de Letras ou afins; ter experiência e conhecimento dos conteúdos específicos da disciplina pela qual será responsável; ter domínio no uso de tecnologias de informação e comunicação.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Funções: preparar o programa da disciplina a ser desenvolvida ao longo do curso no prazo determinado; adequar conteúdos, materiais didáticos, mídias e bibliografia utilizadas para o desenvolvimento do curso à linguagem visualmente enriquecida; adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, tradutor/intérprete e discentes, o material didático organizado; participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na Instituição de Ensino; participar de grupos de trabalho que focam a produção de materiais didáticos para o curso de Letras-LIBRAS. Assumir uma posição de dinamizador do processo de ensino-aprendizagem, encorajando os estudantes à autorreflexão e permitindo uma contribuição mais ativa e profunda nas discussões; manter relações positivas na sala de aula; promover a participação dos estudantes, encorajando e corrigindo suas contribuições; desenvolver as atividades docentes mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação; participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso; participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia adequada para o curso de Letras-LIBRAS; atuar e planejar as aulas em parceria com os profissionais tradutores/intérpretes; apresentar ao coordenador de curso, quando solicitado, um relatório do desempenho dos estudantes, do desenvolvimento da disciplina e sobre as atividades de ensino.

Tradutor/Intérprete de LIBRAS/Português: profissional competente e proficiente para realizar a interpretação e/ou tradução das 2 (duas) línguas (Português e LIBRAS) de maneira simultânea ou consecutiva. Funções: efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da LIBRAS para a língua oral e vice-versa; interpretar e/ou traduzir em Língua Brasileira de Sinais - Português as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas no curso de Letras-LIBRAS e na UFAL, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares; traduzir/interpretar os conteúdos-base de cada disciplina a ser ministrada, desde que entregues previamente pelo professor responsável; atuar em processos seletivos do curso; atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Universidade; zelar pelo rigor técnico, pelos valores éticos inerentes à profissão e previstos na Lei nº 12.319/10, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo.

Equipe de apoio tecnológico e de logística: tradutor e intérprete da LIBRAS, programador visual, bibliotecário-documentalista. Funções: tem a função de viabilizar as ações planejadas pela equipe pedagógica e de produção de material didático.

3.2.6. CAPACITAÇÃO PARA DOCENTES, TRADUTORES/INTÉRPRETES, GESTORES E CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

A capacitação para docentes, tradutores/intérpretes, gestores e corpo técnico-administrativo se dará através de:

- a) Capacitação dos professores do Curso de Letras-LIBRAS com pesquisadores visitantes nas áreas de estudos das línguas de sinais e dos estudos surdos;
- b) Capacitação dos tradutores/intérpretes de língua de sinais (cursos de técnicas de interpretação, postura ética do profissional intérprete, laboratórios de interpretação), que atenderão a demanda da Universidade no que diz respeito ao atendimento ao público e às ações didático-pedagógicas que envolvem ensino, pesquisa e extensão;
- c) Capacitação do corpo técnico-administrativo e da gestão universitária (cursos de implementação de rotinas e organização de dados, cursos de organização administrativa, cursos de formação de gestão pública), levando-se em conta as adequações devidas no fomento à acessibilidade nos serviços prestados pela Universidade.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



d) Capacitação do discente (processo centrado na aprendizagem que incentive a participação e a interação entre os alunos, o diálogo, a pesquisa, o debate, que promova a produção do conhecimento, que permita o exercício de práticas corriqueiras como pesquisar na biblioteca, trabalhar em equipe com profissionais da mesma área e de áreas afins, apresentar trabalhos, fazer comunicações e intercambiar experiências). Quanto à inserção do aluno em atividades de ensino, pesquisa e extensão e à assistência estudantil, é oferecido apoio através dos programas institucionais da Universidade e outros previstos no curso, como, por exemplo, programas de apoio extraclasse, através de monitoria e tutoria, assistência psicopedagógica e odontológica, participação em centro acadêmico, participação em intercâmbios institucionais, participação em programas, como bolsa permanência, PIBIC, PET, PIBID, dentre outros, além de receber assistência através do restaurante universitário (RU) e residência universitária (RUA).

4. INFRAESTRUTURA

4.1. ESTRUTURA FÍSICA PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURSO

O curso de Letras – LIBRAS desenvolve estudos linguísticos dentro de uma modalidade visuo-espacial, por isso possui algumas peculiaridades e necessita do uso de instrumentos, recursos específicos de apoio e materiais pedagógicos.

Para o desenvolvimento das aulas, em muitos casos, são realizadas atividades e pesquisas em acervo digital específico, filmagens e produção de material didático visualmente adaptado. Por isso, o laboratório de produção, tradução e interpretação e o

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



laboratório de pesquisa precisam dispor de recursos para a criação de materiais pedagógicos voltados para os diversos contextos, tipos de textos, níveis de interpretação, técnica corporal, voz e produção escrita.

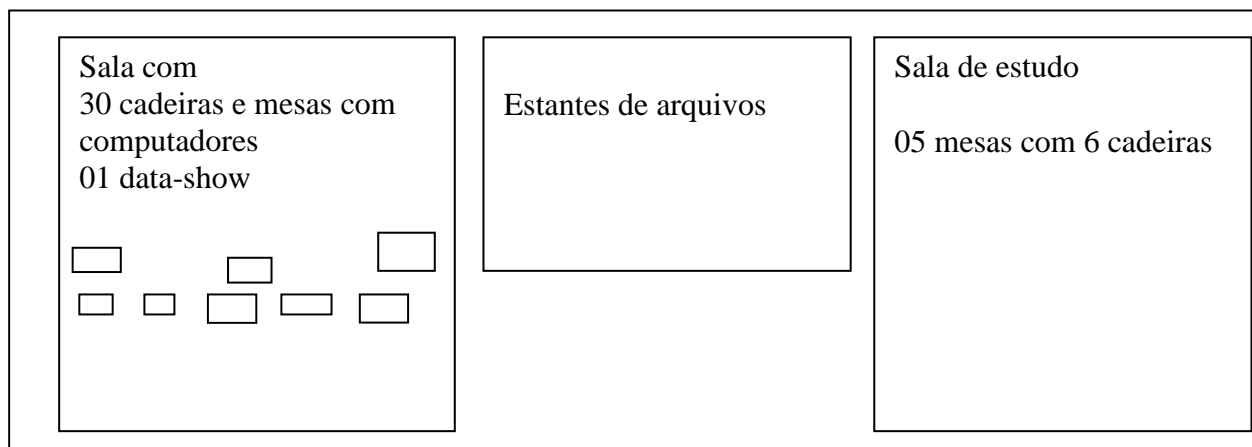
Considerando as particularidades do curso, haverá a necessidade da seguinte estrutura física para o seu desenvolvimento que deve ser construída até o final de quatro anos, a partir do início do curso:

- 04 salas de aula equipadas com um computador (para cada sala), um projetor de imagem – datashow – (um para cada sala), mesas e cadeiras para 30 alunos (para cada sala), mesa e cadeira para professor e ar-condicionado;
- 1 (uma) sala para coordenação acadêmica do curso com mobiliário adequado, telefone, computadores, ar-condicionado;
- 01 (uma) sala de professores e tradutores/intérpretes.
- 1(um) laboratório de Línguas (Português e LIBRAS) para produção, tradução e interpretação, ensino da Língua de Sinais, gravação e edição de vídeos em ambas as línguas; confecção de materiais de informática, acadêmicos e científicos. O laboratório conterá um estúdio com 2 filmadoras profissionais digitais, 1 ilha de edição, 1 teleponto, 10 computadores com programas especializados, 1 data show, 1 quadro interativo (smart board), ar-condicionado;
- 1 (um) laboratório de pesquisa de acervo digital e bibliográfico específico (biblioteca setorial do curso de Letras-LIBRAS), atualizado na área de LIBRAS, com mobiliário adequado (estante para livros, CD's e DVD's, 30 mesas com computadores para estudo individual, armários, 5 mesas com 6 cadeiras para estudo coletivo, 1 data show, ar-condicionado;

Laboratório de Produção

<p>Sala de estudo 01PC 01 Data-show</p>	<p>Sala de estudos 01 tela digital 2PC 02 mesas com 06 cadeiras</p>	<p>Sala de estudos 02 PC 01 Data-show 02 mesas com 06 cadeiras</p>	<p>Ilha de edição 05 PC Estrutura própria</p>
---	--	---	---

Laboratório de Pesquisa



4.2. Laboratórios e Centros de Pesquisa do Curso (estruturas que já existem)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



O Centro de Estudos da Linguagem - CEL (subordinado ao Departamento de Línguas Vernáculas, como Projeto Especial).

Equipamentos e móveis que já existem no Departamento de Línguas Vernáculas que atendem, também, ao curso de Letras/Português:

Tombo Descrição Característica Marca / Modelo

- 7472 - CADEIRA GIRATORIA C/ASSENTO E ENCOSTO ESTOFAMENTO VENIL (SOC/FILOS) CEL
- 7926 - CADEIRA FIXA ESTOFAMENTO C/ ESPUMA DE POLIETANO REVEST. EM VINIL.
- 12907 - ARQUIVO DE ACO C/4 GAVETAS P/PASTA SUSPensa (MIC. 06181-6)
- 13504 - CADEIRA SIMPLES C/ASS. E ENCOSTO EM PALHINHA,MOD.074,M/FLORENCE.
- 13965 - CADEIRA FIXA C/ASSENTO E ENCOSTO DE PALHINHA, ESTRUT. DE AÇO TUBULAR
- 14983 - BANCO DE MADEIRA P/01 LUGAR.
- 18627 - BEBEDOURO GELÁGUA - GM ESMALTEC (DEMEC 000679)
- 18744 - MESA COM 03 GAVETAS (DEMEC 000392).
- 18981 - CADEIRA PARA ESCRITÓRIO (DEMEC 0001040)
- 19035 - CADEIRA EM PALHINHA COM RODÍZIOS, SEM BRAÇOS, TIPO SECRETÁRIA (DEMEC 000710).
- 19037 - CADEIRA EM PALHINHA COM RODÍZIOS, SEM BRAÇOS, TIPO SECRETÁRIA (DEMEC 000705).
- 19038 - CADEIRA EM PALHINHA COM RODÍZIOS, SEM BRAÇOS, TIPO SECRETÁRIA (DEMEC 000706).
- 19041 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000715).
- 19042 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000716).
- 19043 - CADEIRA EM PALHINHAFIXA (DEMEC 000717).
- 19044 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000718).
- 19045 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000719).
- 19046 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000720).
- 19047 - CADEIRA EM PALHINHA FIXA (DEMEC 000714).
- 19177 - MESA EM CEREJEIRA P/TELEFONE (DEMEC). PROGRAD/CEADT.
- 19178 - MESA EM CEREJEIRA P/ REUNIÃO (DEMEC)
- 19723 - REFRIGERADOR ELECTROLUX R-280 BRANCA.
- 19724 - CADEIRA FIXA EM PALHINHA DEMEC (00697) OBS.
- 19725 - CADEIRA FIXA EM PALHINHA DEMEC (00698)
- 19726 - CADEIRA FIXA DE PALINHA C/ESTRUTURA DE FERRO (000699/DEMEC).
- 19729 - CADEIRA FIXA PALHINHA EST. DE FERRO(000394/DEMEC).
- 24600 - QUADRO BRANCO, PARA ESCREVER MEDINDO 1 X 1,50

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- 24601 - MESA PARA REUNIÃO REDONDA, MATERIAL MADEIRA TIPO DE MADEIRA AGLOMERADO, ACABAMENTO SUPERFICIAL REVESTIMENTO C/MAD. LAMINADA, MOGNO, 120CMX72CM -
- 24602 - CÂMARA FOTOGRÁFICA DIGITAL FOTOGRÁFICA, GENIUS DSC VÍDEO WEB DSC - 1.3M
- 24604 - IMPRESSORA JATO DE TINTA 1200 DPI 12 PPM CEL LEXMARX Z-513 24718 - CADEIRA FIXA, ASSENTO E ENCOSTO EM ESPUMA LAMINADA REVESTIDO EM TECIDO PRETO E AZUL VANDAFLEX
- 24719 - CADEIRA FIXA, ASSENTO E ENCOSTO EM ESPUMA LAMINADA REVESTIDO EM TECIDO PRETO E AZUL VANDAFLEX
- 24720 - CADEIRA FIXA, ASSENTO E ENCOSTO EM ESPUMA LAMINADA REVESTIDO EM TECIDO PRETO E AZUL VANDAFLEX
- 24721 - CADEIRA FIXA, ASSENTO E ENCOSTO EM ESPUMA LAMINADA REVESTIDO EM TECIDO PRETO E AZUL VANDAFLEX
- 28312 - MICROCOMPUTADOR KIT PAUTA CONNECT C/ PROC INTEL P4 631. C/TECLADO PADRÃO E MOUSE BALL PS2 COR PRETA.
- 28313 - MICROCOMPUTADOR KIT PAUTA CONNECT C/ PROC INTEL P4 631. C/TECLADO PADRÃO E MOUSE BALL PS2 COR PRETA.
- 28324 - MONITOR DE VIDEO CRT 15" ECLIPSE 55 E PRETO/PRATA.
- 30928 - NOTEBOOK ACER MODELO 5715-4713 CORE DUO 1.73/2GB/160 DVD/TELA 15"/ WEB CAM WINDOWS VISTA. SÉRIE LXAKVOCO4030022500. TERMO DE ENTREGA 023/2008 RIOMAR.
- 32039 - NOBREAK ININTERRUPTA DE 2,5 KVA C/AUTONOMIA MÍN.30 MIN.6 TOMADAS, BATERIA INTERNA BIVOLT AUTOMÁTICO ENTRADA 115-127V OU 220V E SAIDA 115V.GARANTIA 1 ANO, ASSISTENCIA TECN.AUTORIZADA PVH MARCA ENERMAX.
- 32040 - NOBREAK ININTERRUPTA DE 2,5 KVA C/AUTONOMIA MÍN.30 MIN.6 TOMADAS, BATERIA INTERNA BIVOLT AUTOMÁTICO ENTRADA 115-127V OU 220V E SAIDA 115V.GARANTIA 1 ANO, ASSISTENCIA TECN.AUTORIZADA PVH MARCA ENERMAX.
- 32041 - NOBREAK ININTERRUPTA DE 2,5 KVA C/AUTONOMIA MÍN.30 MIN.6 TOMADAS,BATERIA INTERNA BIVOLT AUTOMÁTICO ENTRADA 115-127V OU 220V E SAIDA 115V.GARANTIA 1 ANO, ASSISTENCIA TECN.AUTORIZADA PVH MARCA ENERMAX.
- 32043 - NOBREAK ININTERRUPTA DE 2,5 KVA C/AUTONOMIA MÍN.30 MIN.6 TOMADAS, BATERIA INTERNA BIVOLT AUTOMÁTICO ENTRADA 115-127V OU 220V E SAIDA 115V.GARANTIA 1 ANO, ASSISTENCIA TECN.AUTORIZADA PVH MARCA ENERMAX.
- 32044 - NOBREAK ININTERRUPTA DE 2,5 KVA C/AUTONOMIA MÍN.30 MIN.6 TOMADAS, BATERIA INTERNA BIVOLT AUTOMÁTICO ENTRADA 115-127V OU 220V E SAIDA 115V.GARANTIA 1 ANO,ASSISTENCIA TECN.AUTORIZADA PVH MARCA ENERMAX.
- 32090 - ARQUIVO DE AÇO PARA P/SUSPENSA C/4 GAVETAS PUXADORES METÁLICOS, C/6 PINTURA ANTICORROSIVA COR AZUL,C/MEDIDAS EXTERNAS MÍNIMAS DE 1,30X0,47X0,57M.
- 32506 - ARMARIO EM MADEIRA MDF,AGLOMERADA,C/ESPESSURA 5MM E BORDA ARREDONDAD 180°, ACABAM.EM POST FORMING, TOTALM. REVEST. EM MELAMINICO TEXTURIZADO ALTA PRESSÃO, COR AZUL, 4 PRATEL. TAM. 900X470X2000CM. MARCA MILAN.
- 32980 - MESA SECRETÁRIA COM 2 GAVETAS DIMENSÕES (AXLXP): 74,5X126,5X63,3. CUBAG EM 0,0731, ACABAM. ESTRUT. EM AÇO GALVANIZADO E PINTURA EPOXI, TAMPO DE MADEIRA AGLOM. C/ACABAM.FF,COR AZUL C/CINZA. MARCA SULFLEX.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- 32985 - MESA SECRETÁRIA COM 2 GAVETAS DIMENSÕES (AXLXP): 74,5X126,5X63,3. CUBAG EM 0,0731,ACABAM.ESTRUT.EM AÇO GALVANIZADO E PINTURA EPOXI, TAMPO DE MADEIRA AGLOM. C/ACABAM.FF,COR AZUL C/CINZA. MARCA SULFLEX.
- 35928 - COMPUTADOR PROCESSADOR INTEL CORE 2 DUO E7200 CORE 2 DUO 2.4GHZ,CACHE 2 MB,BARRAM.800MHZ, MEMO.RAM 2 GB DDR-II (EXPANS.ATÉ 4 GB) DIS CO RIG.250GB SATA II 7200 RPM,DRIVES: DVDRW-GRAV/LEITOR.CDS LOGIN.
- 35939 - COMPUTADOR PROCESSADOR INTEL CORE 2 DUO E7200 CORE 2 DUO 2.4GHZ,CACHE 2 MB,BARRAM.800MHZ, MEMO.RAM 2 GB DDR-II (EXPANS.ATÉ 4 GB) DIS CO RIG.250GB SATA II 7200 RPM,DRIVES: DVDRW-GRAV/LEITOR.CDS LOGIN.
- 35941 - COMPUTADOR PROCESSADOR INTEL CORE 2 DUO E7200 CORE 2 DUO 2.4GHZ,CACHE 2 MB,BARRAM.800MHZ, MEMO.RAM 2 GB DDR-II (EXPANS.ATÉ 4 GB) DIS CO RIG.250GB SATA II 7200 RPM,DRIVES: DVDRW-GRAV/LEITOR.CDS LOGIN.
- 35946 - COMPUTADOR PROCESSADOR INTEL CORE 2 DUO E7200 CORE 2 DUO 2.4GHZ,CACHE 2 MB,BARRAM.800MHZ, MEMO.RAM 2 GB DDR-II (EXPANS.ATÉ 4 GB) DIS CO RIG.250GB SATA II 7200 RPM,DRIVES: DVDRW-GRAV/LEITOR.CDS LOGIN.
- 35955 - MONITOR DE VIDEO TAMANHO TELA 19 POL TIPO TELA LCD PLANA RES, IMAGEM 1280X1024 DPI TENSÃO ALIM.90/264 VCA, FREQUENCIA HORIZONTAL 30/83 KHZ FREQ.VERTICAL 56/75 HZ,BARRAM.800MHZ MEMORIA RAM 2 GB DDR-II PROVIEW. CEL
- 35956 - MONITOR DE VIDEO TAMANHO TELA 19 POL TIPO TELA LCD PLANA RES,IMAGEM 1280X1024 DPI TENSÃO ALIM.90/264 VCA,FREQUENCIA HORIZONTAL 30/83 KHZ FREQ.VERTICAL 56/75 HZ,BARRAM.800MHZ MEMORIA RAM 2 GB DDR-II PROVIEW.
- 35970 - MONITOR DE VIDEO TAMANHO TELA 19 POL TIPO TELA LCD PLANA RES,IMAGEM 1280X1024 DPI TENSÃO ALIM.90/264 VCA,FREQUENCIA HORIZONTAL 30/83 KHZ FREQ.VERTICAL 56/75 HZ,BARRAM.800MHZ MEMORIA RAM 2 GB DDR-II PROVIEW.
- 35979 - MONITOR DE VIDEO TAMANHO TELA 19 POL TIPO TELA LCD PLANA RES,IMAGEM 1280X1024 DPI TENSÃO ALIM.90/264 VCA,FREQUENCIA HORIZONTAL 30/83 KHZ FREQ.VERTICAL 56/75 HZ,BARRAM.800MHZ MEMORIA RAM 2 GB DDR-II PROVIEW.

4.3. Biblioteca

O Sistema de Biblioteca da Unir - SIBI é constituído por 8 (oito) bibliotecas, sendo: Guajará-Mirim, Ariquemes, Ji-Paraná, Rolim de Moura, Cacoal, Presidente Médici, Vilhena e Porto Velho. A Biblioteca Central, em Porto Velho, conta com uma área de 3.270 m² e um acervo composto por 8.721 exemplares e 3.604 Títulos. O atendimento realizado em 2012 pelo SiBi/UNIR foi de 42.459. Em parceria com a DIREDA, a SIBI é responsável técnica pelas bibliotecas de Ariquemes, Buritis, Nova Mamoré, Ji-Paraná, Rolim de Moura, Chupinguaia, Vilhena e Porto Velho (fonte: Relatório de Gestão 2011 da SIBI-UNIR).

Biblioteca Central

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Horário de Funcionamento: 8:00h às 20:00h

Área Física Total: 3270,12 m²

Assentos disponíveis: 490

Estudo em Grupo: 8 salas

Cabines para estudo individual: 20

Acesso à Base de Dados: 30 computadores para serviços de acesso ao Portal de Periódicos da Capes; Livros Digitais –E-Books e aos demais acervos On-Line.

Diretora Responsável: Sirlaine Galhardo Costa

Tipo de Acervo	Área	Total de obras	Total Exemplares
Dissertação	Linguística, Letras, Artes	1	1
Dissertação Unir	Linguística, Letras, Artes	28	28
Livro	Linguística, Letras, Artes	5322	12410
Monografia de Especialização	Linguística, Letras, Artes	17	18
Monografia de Graduação	Linguística, Letras, Artes	15	15
Total		5383	12472

Periódicos	Títulos 65
------------	------------

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Quantidade 65

4.3.1. Necessidade de aquisição de livros para o curso:

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Linguística Aplicada, aplicação da Linguística e ensino de línguas. *Anais do III Seminário de Ensino de Língua e Literatura*. Porto Alegre: PUC/RS e Centro Yázigi de Educação e Cultura, 1987.
- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1980.
- AUBERT, F. H. *As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Unicamp, 1993.
- BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOZA, Heloisa Helena e MELLO, Ana Cláudia P. Teixeira. *O Surdo: Este Desconhecido – Incapacidade absoluta do surdo-mudo*. Oficina Folha Carioca Editora Ltda: Rio de Janeiro, 1995.
- BRITO, Lucinda F. *Integração Social & Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.
- CAPOVILLA, F. C. et al. Quando surdos nomeiam figuras: processos quirêmicos, CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. O desafio da descontinuidade entre a CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkíria D.; MAURÍCIO, Aline C. *Novo Deit-LIBRAS: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, de A a Z*. 2 v. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- CAVALCANTI, M.; MOITA LOPES, L. P. *Implementação da pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Planejamento de ensino como estratégia de política cultural*. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). *Currículo: Questões atuais*. Campinas: Papirus, 1997.
- DORZIAT, Ana. *Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica*. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1.
- ESTELITA, M. *Por uma ordem "alfabética" nos dicionários de línguas de sinais: ensaio*. Tese. (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- FELIPE, T. A. *A estrutura frasal na LSCB*. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989.
- FERNANDES, Eulália (org.). *Surdez e Bilinguismo*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. *Curso de Semântica*. Tradução de Delzimar da Costa Lima e Dóris Cristina Gedrat. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.
- LANE, Harlan. *A Máscara da Benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- língua de sinais e a escrita alfabética na educação bilíngue do surdo congênito. In: RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. B. Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LOPES, Maura Corcini, "A natureza Educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos" In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs.), A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.
- LUJÁN, M. A. "As crianças surdas adquirem sua língua". In: MOURA, M.C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. C. (Org.). Língua de sinais e educação do surdo. São Paulo: Tec Art, 1993. (Série de Neuropsicologia, 3).
- MOITA LOPES, L. P. Oficina de Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MOREIRA, Antônio Flávio B. (Org.). Currículo: Questões atuais. Campinas: Papyrus, 1997.
- MOURA, M. C.; LODI, A. C.; PEREIRA, M. C. (Eds). Língua de sinais e educação do surdo. Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp). São Paulo, 1993.
- NARODOWSKI, Mariano. Comenius e a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PEREIRA, M. C. P.; RUSSO, A. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais: técnicas e dinâmicas para cursos. São Paulo: Cultura Surda, 2008. v. 1.
- PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda, In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs.), A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.
- PERLIN, Gladis. Surdos: cultura e Pedagogia. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). A Invenção da Surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- POKER, R. B. Troca simbólica e desenvolvimento cognitivo em crianças surdas: uma proposta de intervenção educacional. 2001. 363 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M. de. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167-177, jun. 2006.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.
- QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi Stumpf (Org.). Estudos Surdos IV. Rio de Janeiro: Arara azul, 2009. semânticos e ortográficos. In: Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1-
- STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

4.4. Acessibilidade existente:

(Biblioteca)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- 1 Plataforma para cadeirantes;
- 1 Rampa com barra de apoio;
- 1 Banheiro com adaptador
- 1 Teclado com Braille;
- 1 Impressora Braille;
- 1 Computador com DOS/VOX;
- 1 Leitor Autônomo

As instalações que serão construídas para o curso de Letras-LIBRAS irão atender aos padrões de boa acústica, luminosidade, ventilação, acessibilidade e comodidade.

5. BIBLIOGRAFIA, ANEXOS E APÊNDICES.

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1986.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BASTOS, C L. **Aprendendo a aprender**: Introdução à Metodologia Científica. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Fonseca. **LDB: passo a passo**. 2. ed. São Paulo: AVERCAMP, 2005.
- BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos**: ensino de língua x tradição gramatical. Campinas: Mercado Aberto, 1997.
- BRZEZINSKI, Iria (org). **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam . 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução Gênese Andrade. 4 ed. 1. Reimp. – São Paulo/; Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- DORZIAT, Ana. **Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica**. In: SKLIAR, C. (org). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



- ECO, U. **Como se faz uma Tese**. 21. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- EDLER CARVALHO, Rosita. **A nova LDB e a educação especial**. Rio de Janeiro: WVA Editora, 1997.
- GERALDI, João Vanderley. **Linguagem e ensino**. Campinas: Mercado de Letras / ALB, 1996.
- GOMES, Maria Lúcia de Castro Gomes. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: IBPEX, 2008.
- GONÇALVES, E P. **Conversa sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2005.
- LAKATOS, E M; MARCONI, M A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LIBÂNEO, José Carlos. (org) **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.
- MACHADO, A. M., SOUZA, M. P. R. (orgs) **Psicologia Escolar**: em busca de novos rumos. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008
- MEDEIROS, J B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos e resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- PAULA, Anna Beatriz; SILVA Rita do Carmo Polli. **Didática e Avaliação em Língua Portuguesa**. Curitiba: IBPEX, 2005.
- RIOLFI, Claudia (Org). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Thompson, 2007.
- SALLES, Heloisa M.M.Lima et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília, 2002.
- SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: Trajetória, limites e perspectivas. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- VEIGA, I. P. Alencastro (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 17 ed. Campinas-SP: Papyrus,